



# ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 77  
MARÇO DE 2022

*Neste número:*

*Fatos da história da AFSC.*

*Filatelia, Numismática e Cartofilia - Histórias da História do Mundo.*



*Balneário Camboriú - A Dubai Brasileira.*



*“Águia pousada no rochedo”  
Vinheta da ABNCo.*



*Selos recuperados do incêndio em 1871,  
Chicago - EUA.*



*“Rotterdam, a Cidade Destruída”,  
de Ossipe Zadkine.*



**Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina  
AFSC**

**Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux  
CEP 88010-560 - Florianópolis, SC  
Caixa Postal 229 - CEP 88010-970**

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2021 para o período de agosto/2021 a agosto/2022:

Presidente:	Demétrio Delizoicov Neto
Vice-presidente:	Luis Claudio Fritzen
Primeiro secretário:	Peter Johann Bürger
Segundo secretário:	Luiz Antônio de Oliveira Horn
Primeiro tesoureiro:	Bernardo Bihir Lopes
Segundo tesoureiro:	Fred Leite Siqueira Campos
Diretor de Sede:	Paulo César da Silva

Conselho Fiscal:	
Fabio Nakamura	Antonio Correa Varela (suplente)
Romeu Odilo Trauer	Lucia Milazzo (suplente)
Rubens Moser	Juliano Natal (suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim – Santa Catarina Filatélica.

Para suporte aos dispêndios decorrentes de suas atividades, a AFSC depende principalmente da arrecadação de anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2021:

Efetivos – residentes na Grande Florianópolis, com idade a partir de 18 anos .....	R\$150,00
Juvenis – com idade inferior a 18 anos .....	R\$20,00
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis .....	R\$50,00
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil .....	US\$35,00

**ASSOCIE-SE!**

[www.afsc.org.br](http://www.afsc.org.br)

[afsc@afsc.org.br](mailto:afsc@afsc.org.br)

**Para anunciar neste Boletim:**

Página inteira: R\$70,00

Meia página: R\$40,00

Terço de página: R\$30,00

Terceira capa: R\$110,00

Quarta capa: R\$140,00

## Palavras do Presidente

A vida das pessoas em coletivos presenciais, além dos familiares, finalmente está retornando! Muitas atividades estão sendo restabelecidas de modo presencial. Esta retomada deve-se, principalmente, à adesão maciça da população brasileira à vacinação anti-Covid-19.

Desde o primeiro trimestre de 2020, ou seja, após a confirmação da pandemia, houve a necessidade de se intensificar rotineiramente, e com frequência maior, interações humanas virtuais, através de recursos midiáticos, como uma das alternativas para se evitar a transmissão do vírus.

Na AFSC, após a necessária interrupção, as reuniões de sábado à tarde voltaram a ocorrer normalmente nas dependências da nossa Sede, bem como as vendas sob ofertas realizadas no último sábado de cada mês. Por enquanto, em ambas as situações, continuamos com a recomendação de uso de máscaras pelos participantes, de acordo com as orientações das instituições de controle sanitário. Também se disponibiliza o álcool em gel. Em fevereiro, compareceram à sede mais de duas dezenas de pessoas interessadas nas peças que foram oferecidas.

Neste panorama de relativa melhora na convivência com a Covid-19, a diretoria da AFSC está tomando as providências para que o histórico *Encontro de Colecionadores de Florianópolis*, interrompido desde 2020, devido à pandemia, volte a ser realizado em agosto de 2022.

Registramos que, em Santa Catarina, outras Associações e Clubes estão se mobilizando da mesma forma. Na página 19, apresentamos o Calendário de Encontros para 2022, em nosso Estado. Esperamos que colecionadores e demais interessados, que tradicionalmente prestigiam esses eventos, possam comparecer.

Estamos, como sempre, potencializando esforços para que o Encontro de agosto, em Florianópolis, ocorra com a mesma performance que historicamente o tem caracterizado.

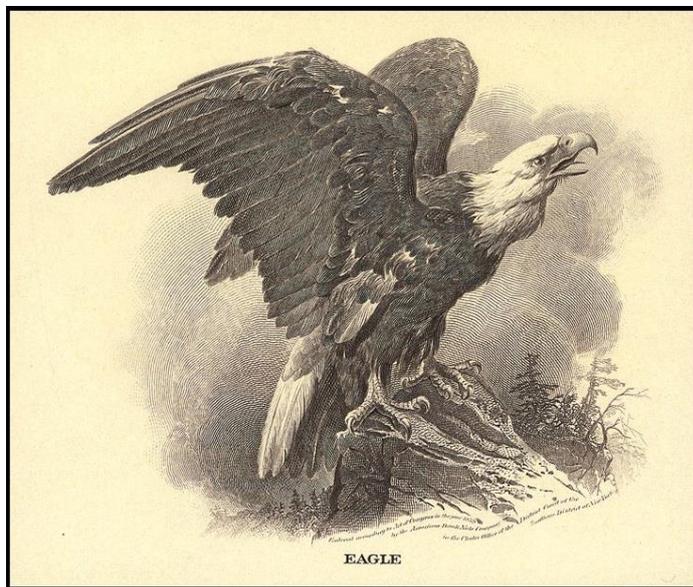
Demétrio Delizoicov  
Presidente da AFSC

## Índice

American Note Bank Company	04
Chicago... I Will	15
Rotterdam – a cidade destruída	20
SCF entrevista José Ferreira da Cunha	26
Homenagem a Júlio da Silva Cordeiro	32
400 réis de 1914: moeda ou ensaio?	33
A Dubai brasileira	36
Anita Garibaldi – Heroína de Dois Mundos	39
Gueto de Lodz	41
Correios em Palhoça	43
Os pneus nas corridas de Fórmula 1	46

# American Bank Note Company (1795-c.1990)<sup>1</sup>

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (\*)



**Figura 1** – "Eagle Perched on Rock"<sup>2</sup>, vinheta<sup>3</sup> da *American Bank Note Company* (ABNCo.), in *The Story of American Bank Note Company* by William H. Griffiths, ABNCo. New York, 1959, p.52 (*Animals and Birds/Allegorical Vignettes for Commerce and Industry*). Na parte inferior da gravura temos, em microcaracteres, a seguinte legenda: "Entered to act of Congress in the year 1859 by the American Bank Note Company in the clerks office of the District court or the Southern of New York." Em língua vernácula temos: Registrada por ato do Congresso no ano de 1859 pela *American Bank Note Company* no ofício do Distrito Sul de Nova York". O gravador da vinheta é desconhecido. (c.1860).

## A empresa de impressão

A *American Bank Note Company* (ABNCo.) tem suas origens em *Robert Scot* (1745-1823) em 1795, na Filadélfia, e seu registro em 1859, em Nova York. A empresa foi consolidada em 1879<sup>4</sup>.

---

1. A *American Bank Note Company* (ABNCo.) foi uma empresa estadunidense produtora de papéis de segurança, notadamente de papel-moeda e selos postais, entre outros. Em 1990, a empresa completou 195 anos de existência e, ao que tudo indica, cessou a produção de papel-moeda naquele ano ou no ano anterior. Os últimos trabalhos foram para a Costa Rica (P.261a – 100 Colones – emitida em 1993), Honduras (P.65d 20 Lempiras e P.66d 50 Lempiras – emitidas em 1993) e Venezuela (P.61d – 10 bolívares – emitida em 1995). Essas emissões, provavelmente, tiveram as datas impressas localmente, sendo que as cédulas foram impressas antes ou durante o ano de 1990, quando muito. Em 1990, a empresa se reestruturou e, em 2016, passou a se chamar *American Banknote Corporation* (ABCorp.) e continua atuando na área de segurança para o setor de pagamentos, de telecomunicações e de identificação. A empresa conta, hoje, com 226 anos.

2. "Águia pousada no rochedo".

3. Em numismática é o ornamento que irá ilustrar o material a ser impresso (cédulas, apólices, selos, etc.). O vocábulo tem origem no francês e, inicialmente, era empregado para os desenhos em peças de mobiliário ou de louça que apresentavam motivos em forma de folha e cachos de videira. Depois, estendeu-se a denominação às ornamentações dos textos e livros e por extensão à numismática. As empresas de impressão, como a *American Bank Note Company*, a *Thomas de La Rue*, a *Watertow & Sons*, etc. desenvolveram vinhetas para serem empregadas nos seus materiais impressos e as imprimiam primeiro em separado, para testes e constituição de repertório.

4. Antes dessa data, as empresas associadas atuavam com uma certa autonomia.

**Robert Scot**<sup>5</sup> foi um gravador estadunidense de origem escocesa. Teve formação em relojoaria e gravura, com curso na Universidade de Edimburgo. Emigrou para a Virgínia em 1775, instalando-se em *Fredericksburg*, onde começou a trabalhar para a instituição monetária daquela Colônia, produzindo placas de impressão de papel-moeda (*Colonial Scrips*) com as armas do Império Britânico.

Depois de maio de 1776, colocou-se a serviço dos independentistas e gravou o selo oficial da Virgínia "*Virgínia liberada da tirania*", nos bilhetes do Tesouro da Virgínia.

Em 1782, envolveu-se na concepção e na gravura do primeiro "*Great Seal of the United States*" (Grande Selo dos Estados Unidos).

Estabeleceu-se na Filadélfia, em 1788, onde foi listado como "*Gravador*", no Diretório da cidade de 1791. Em 1793, foi nomeado pelo presidente George Washington, o primeiro gravador da *United States Mint* (Casa da Moeda dos Estados Unidos – inicialmente na Filadélfia), cargo que ocupou até sua morte, em 1823.

Scot desenhou algumas das primeiras moedas estadunidenses, como o *Flowing Hair dollar* (1794-95), em prata, e o *Quarter Eagle* (1796-1807), em ouro.



**Figuras 2 e 3** – *Flowing Hair Dollar* (\$1/2) de 1794 (KM#16, 26,96 g, Prata 892, 39-40 mm) e *Quarter Eagle* (\$2.50) de 1796 (KM#27, 4,37 g, Ouro 916, 20 mm). *Designer: Robert Scot. United States Mint, Smithsonian Institution – National Numismatic Collection, Museum of American History.*

A nomeação para a *United States Mint* não o impediu de gravar notas para inúmeros bancos privados que vinham surgindo. Em 1795, com o crescimento desse mercado, qual seja, das notas bancárias, deu-se início ao empreendimento que mais tarde se tornaria a *American Bank Note Company*.

A formalização da empresa viria posteriormente através do seu assistente *John Draper*, que também trabalhava na *United States Mint*.

Em 1801, John Draper e o gravador William Carr abriram seu próprio atelier. Em 1810, ainda na Filadélfia, *Draper*, *George Murray* e *Gideon Fairman*, formaram uma sociedade de gravura e impressão (*Murray, Draper, Fairman & Co.*), primeira associação formal das empresas que viriam a dar origem à *American Bank Note Company*, em 1858.

Dois nomes, mesmo não tendo participado diretamente na composição da empresa, estão ligados a ela pela natureza dos trabalhos que realizavam, são eles: *Paul Revere* (1734-1818) e *Jacob Perkins* (1766-1849)<sup>6</sup>.

**Paul Revere** foi um próspero artesão de Boston, ourives, gravador e patriota da Revolução Americana. Foi ele quem, em 1775, gravou os primeiros bilhetes bancários dos Estados Unidos enquanto nação independente<sup>7</sup>.

Ele adaptou o método da gravação em metal<sup>8</sup> para a impressão de bilhetes bancários. Por esse motivo, Revere é considerado o "*Pai da Indústria*" estadunidense da gravura de segurança.

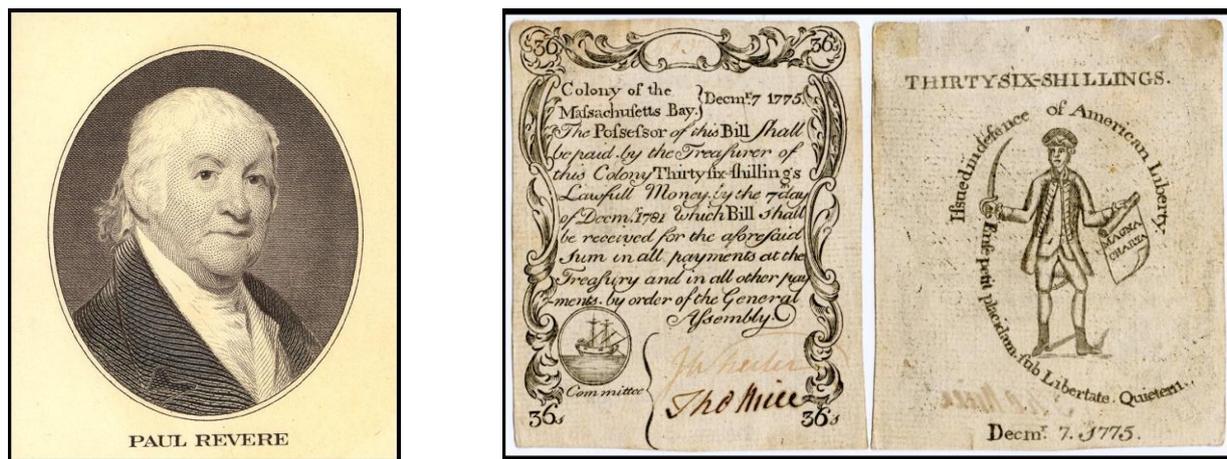
5. Essa breve biografia é baseada, principalmente, no livro de Willian H. Griffiths, *The Story of American Bank Note Company*, de 1959 e em artigos da Wikipedia.

6 Como a *American Bank Note Company* viria a aglutinar boa parte do conhecimento sobre impressão de papéis de segurança, podemos dizer que o desenvolvimento dessa arte, nos Estados Unidos, está intimamente e inicialmente ligado a essa empresa.

7. A Independência formalizou-se em 4 de julho de 1776. Esses bilhetes, no entanto, foram emitidos fora da égide britânica.

8. Calcografia ou gravura em talho-doce.

Foi, principalmente, graças a essa primeira adaptação que a ABNCo. veio a garantir seu sucesso na impressão de papéis fiduciários durante quase 200 anos.



**Figuras 4 e 5** – Paul Revere – vinheta da American Bank Note Company (s/d, reimpressão, c.1990) e anverso e reverso do bilhete de crédito (*bill of credit*) de 36 Shillings (P.S1245), gravado por Paul Revere para a Massachusetts Bay Colony de 7 de dezembro 1775<sup>9</sup>.

As circunstâncias que levaram à emissão dos primeiros bilhetes bancários dos Estados Unidos, como vimos, gravados por Paul Revere, foram as seguintes:

"Boston estava, em 1775, sob cerco militar britânico e os independentistas estavam reunidos no subúrbio de Watertown, entre eles Paul Revere. Eles decidiram, em 3 de maio, emitir £ 100.000 (cem mil libras) em bilhetes com vencimento em 1º de junho de 1777, e com juros de 6%, em denominações não inferiores a £ 4 (quatro libras). Paul Revere recebeu a incumbência de fabricar os bilhetes. Como encontrava-se fora do seu ateliê de trabalho, situado em Boston, e os caminhos estavam todos bloqueados, ele teve que improvisar diante da falta de material. Ele tinha um pequeno suprimento de placas de cobre e placas previamente gravadas que não eram suficientes para o trabalho. Cortou algumas destas ao meio, e no reverso, realizou novas gravuras. Havia tinta, mas não uma prensa de impressão, o que ele teve que fabricar localmente. Apesar de todas as adversidades, ele conseguiu entregar os bilhetes no prazo. Seguiu-se um segundo pedido de £ 20.000 (vinte mil libras) e depois uma terceira emissão no valor de £ 100.000 (cem mil libras) em muitas denominações. Os bilhetes desse terceiro lote foram datados de 7 de dezembro de 1775<sup>10</sup> e tinham a imagem de um homem segurando uma espada e ficaram conhecidos, popularmente, como "sword hand money", algo como, "dinheiro com a mão na espada"<sup>11</sup>.

**Jacob Perkins**<sup>12</sup> foi inventor, engenheiro, ourives e gravador de Newburyport<sup>13</sup>. Perkins iniciou sua carreira como aprendiz junto a um ourives e, mais tarde, ficou conhecido pela diversidade de suas invenções e de suas patentes tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra.

Na área da impressão de segurança, realizou diversas experiências com placas de impressão de cobre, ferro e aço, culminando por realizar matrizes em aço endurecido capazes de produzirem novas placas de impressão idênticas, permitindo a produção em massa a partir de uma única gravação, ou seja, de um mesmo desenho.

Em 1819, na Inglaterra, **Jacob Perkins** abriu uma empresa de gravação em placas de aço, com a razão social de **Perkins Fairman & Heath**, localizada em Londres.

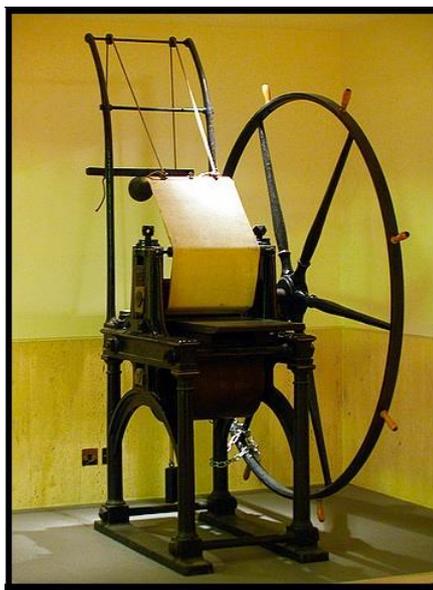
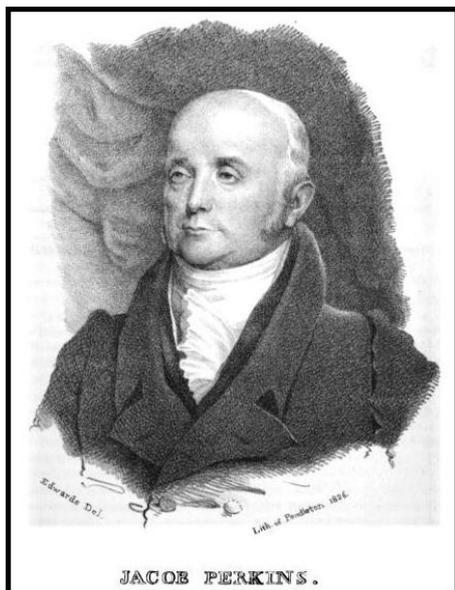
9. Fonte da imagem: *The American Antiquarian Society Collection* (<https://www.americanantiquarian.org/Inventories/Revere/currency.htm>)

10. O bilhete da figura 5 é da quarta emissão, que é semelhante à terceira.

11. Este trecho foi baseado no livro de Willian H. Griffiths, *The Story of American Bank Note Company*, de 1959, p. 16-17.

12. Sobre **Jacob Perkins** e a empresa **Perkins Bacon & Peth** (PB&P), leia a matéria de nossa autoria "A Perkins Bacon & Peth (PB&P) e as cédulas impressas para o Tesouro Nacional (1835-1870)", publicada no Boletim da AFSC nº 73, agosto de 2018, p. 4 a 23.

13. Pequena cidade e porto do Condado de Essex, Massachusetts, próximo a Boston.



**Figuras 6 e 7** – *Jacob Perkins* – desenho de Thomas Edwards, Litografia de Pendleton's, 1825. Boston Monthly Magazine, 1826 (Fonte: Wikipedia) e *Prensa de impressão a cilindro*, dita, Perkins D, inventada por *Jacob Perkins*, com brevê em 1819. Essa prensa, hoje na *British Library*, serviu na impressão do *Penny Black* e do *Pence Blue*, emitidos pela primeira vez em 1840.

Quando *Jacob Perkins* se mudou para a Inglaterra já havia vendido várias patentes concernentes à impressão de papéis de segurança e acreditamos que, boa parte delas, tenha sido recuperada ou servido de inspiração às empresas que viriam a compor a *American Bank Note Company*.

Interessante notar que a empresa que *Jacob Perkins* fundou na Inglaterra não prosperou como aquela de *Robert Scot*. Podemos observar essa evidência pela perda, pela *Perkins*, do contrato de fornecimento de cédulas para o Brasil<sup>14</sup>, em 1870, em proveito da *American Bank Note Company*. O motivo? Qualidade superior das cédulas da ABNCo.

Como já tivemos a oportunidade de constatar em outras matérias, a empresa de *Jacob Perkins* continuou imprimindo bilhetes, na maioria das vezes unificiais, para bancos privados do Império Britânico e de alguns outros países, até se extinguir no início da 2ª Guerra Mundial<sup>15</sup>.

### Empresas predecessoras

A *Murray, Draper, Fairman & Co.* foi a primeira das muitas empresas predecessoras<sup>16</sup> do que viriam a compor a *American Bank Note Company*, em 1858. Dessas empresas destacamos além de várias associações da *Draper*, a empresa fundada em 1816 por *Ralph Rawdon*, que, em 1847, passou a se chamar *Rawdon, Wright, Hatch & Edson* e a empresa fundada em 1829, por *Charles Toppan*, que em 1857 passou a se chamar *Toppan, Carpenter & Co.*

Depois da associação de 1858, outras empresas foram sendo incorporadas pela ABNCo.. Dessas podemos citar a *National Bank Note Company*, em 1859; a *Continental Bank Note Company*, em 1863; a canadense *Canadian Bank Note Co. Ltd.*; em 1896<sup>17</sup> e a inglesa *Bradbury, Wilkinson & Co. Ltd.*, em 1903<sup>18</sup>.

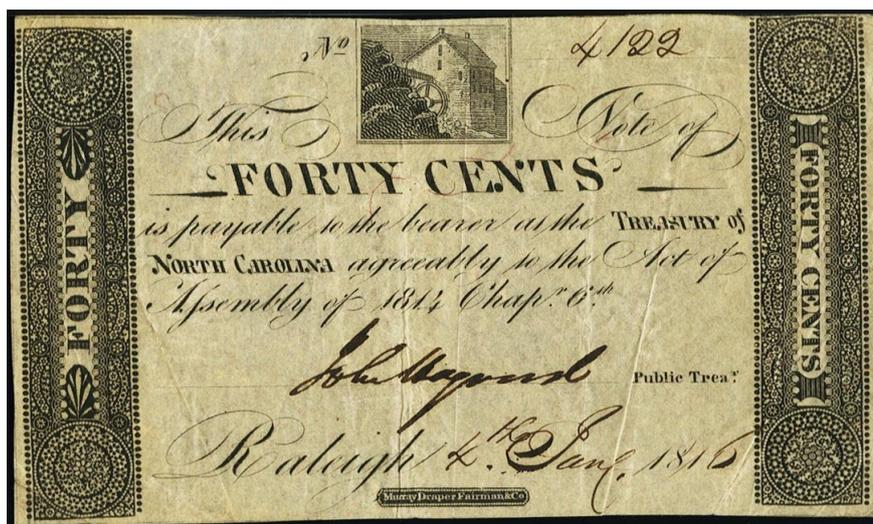
14. As cédulas do Tesouro Nacional que vinham sendo fornecidas pela *Perkins Bacon & Peth* (PB&P) e sucessoras desde 1835.

15 Não devemos esquecer de que a empresa também imprimia selos postais.

16. Em torno de 46 sociedades.

17. Nesse caso a empresa foi formada em 1896, como a Divisão Canadense da ABNCo. e mantida como subsidiária independente até 1922.

18. A empresa foi fundada por *Henry Bradbury*, em 1850. Em 1856, começou a imprimir bilhetes de banco e, em 1890, passou a se chamar *Bradbury, Wilkinson & Co. Ltd.* Em 1903, foi incorporada pela ABNCo. e mantida como subsidiária independente até ser vendida para a *De La Rue*, em 1896.



**Figura 8** – Nota de 40 cents (P.S2297) do Tesouro da Carolina do Norte, de 1816, gravada e impressa por **Murray, Draper, Fairman & Co.** Na parte superior central, temos a gravura de uma roda d’água produtora de energia motriz. Trata-se de uma nota extremamente rara, estima-se que existam apenas de 2 a 4 exemplares como esse. Essas notas faziam parte de uma emissão de US\$82,000.00, para uma transação inter-bancária. A única finalidade da emissão era a de servir para a compra de ações bancárias para o Estado da Carolina do Norte. John Haywood, que assinou essa nota, foi tesoureiro durante quarenta anos, de 1787 até sua morte, em 1827. Os especialistas têm uma dúvida em relação a John Haywood, se os US\$69,000.000.00 de fundos faltantes foram fruto de uma contabilidade primitiva ou de um desfalque. De qualquer forma, sua sucessão foi, no essencial, utilizada para reembolsar o Estado. (Fonte da imagem: Heritage Auctions; Fonte das informações (texto em itálico): Heritage Auctions, tradução e interpretação de nossa lavra).



**Figura 9** – Cédula de 1 Forint da Hungria (P.S141) de 1852, impressa por **Toppan, Carpenter, Casilear & Co. Philadelphia.** No centro, em um círculo, temos a alegoria da Hungria com os pés sobre uma figura coroadada (alusão à deposição da monarquia). As cédulas de Forint foram impressas para sustentar a Revolução Húngara de 1848, ou seja, não se trata de uma emissão oficial do Governo húngaro. Encontram-se catalogadas no *World Paper Money - Specialized Issues*. Foram preparadas nos Estados Unidos para que, quando a revolução fosse vitoriosa, pudessem ser emitidas. Após a derrota dos revolucionários, tais cédulas perderam a função. São cédulas unifacias, monocromáticas e em papel de fina gramatura. Foram impressas cédulas nos valores de 1, 2 e 5 Forint. As cédulas de 1 e 2 Forint apresentavam-se em folhas com 4 cédulas ou em separado e as de 5 Forint em folhas com 3 cédulas e, também, em separado. Essas cédulas não chegaram a ser emitidas. As partes destinadas à numeração e à data não foram preenchidas.



**Figura 10** – Cédula de 100 dólares dos Estados Confederados da América (P. 2), de 1861, impressa pela *National Bank Note Company*, que havia integrado a ABNCo. em 1859. A empresa ABNCo. alegou que a associada no Sul imprimiu cédulas Confederadas antes que a sede da empresa, que se situava em Nova York, pudesse intervir. Fonte da imagem: *Smithsonian Institution – National Numismatic Collection, Museum of American History*.

**A vinheta "Águia Pousada no Rochedo" (c.1860)**



**Figura 11** – *Proof*<sup>9</sup> da nota de 50 dólares dos Estados Unidos, de 1861 (P.280), impressa pela *American Bank Note Company (ABNCo.)*. Trata-se de prova para notas do Tesouro conforme o *Ac. of July 17, 1861*, denominadas «*Interest Bearing Notes*», ou seja, "notas a juros" (ou notas que rendiam juros). No centro, temos a gravura da "Águia Pousada no Rochedo". O nome do gravador é desconhecido.

19. Prova.

A vinheta da *Águia Pousada no Rochedo* da ABNCo. (figuras 1 e 11) foi utilizada, originalmente, na nota de 50 dólares dos Estados Unidos de 1861 (P.280). Ela também figura em ensaios das notas do Tesouro de 1.000 (KL-P.83) e 5.000 (KL-P.84) dólares (*Act of June 22, 1860*), anteriores à Guerra Civil.

As "notas a juros" estão entre as mais raras emissões dos Estados Unidos. Foram emitidas no período da Guerra Civil (1861-1865). Eram emissões emergenciais do Governo Federal para reforçar o caixa de guerra da União.

As notas pagavam juros à taxa de  $7 \frac{3}{10}$  por cento em três anos (como consta no anverso das cédulas). O valor dos juros é especificado no reverso onde consta a expressão: "*interest on this note one cent per day*" (os juros nesta nota são de um centavo por dia). Assim, a nota de 50 dólares expressa a promessa de pagar juros de um centavo por dia, enquanto a nota de 5.000 dólares pagava juros à taxa de 1 dólar por dia.

O Governo, ao emitir essas notas, não tinha a intenção de que elas circulassem amplamente. Assim, não são notas ao portador, ou seja, há um espaço em branco no anverso de cada nota reservado para o nome do titular original e outro espaço em branco, no reverso, para o endosso no momento do vencimento.

Outra característica incomum dessas notas é o fato de apresentarem cinco cupons anexos<sup>20</sup>. Cada cupom indicava os juros a pagar pelo período de seis meses e era retirado da nota quando os juros eram cobrados. O pagamento final dos juros era efetuado quando a própria nota era apresentada para o resgate, no final de um período de três anos<sup>21</sup>.

Essa vinheta da *Águia Pousada no Rochedo*, como vimos (figura 1), que trazia o próprio ato de fundação da ABNCo., foi utilizada, notadamente nos certificados de ações da própria empresa de impressão, a partir dos anos 20.

### Por que a cor do dinheiro é o verde?



Figura 12 – Cédula de 100 dólares (P.134) dita "Greenback" - ver legenda na página seguinte.

20. Essa característica não consta do *specimen* que apresentamos (figura 2).

21. Nesse caso, havia notas com prazos inferiores, de 1 ou 2 anos.

**Figura 12 (página anterior)** – Cédula de 100 dólares (P.134) dita “Greenback”<sup>22</sup>, da primeira emissão de 1862, impressa pela *National Bank Note Company/American Bank Note Company*. No anverso, à esquerda, temos uma águia com as asas estendidas (“*Spread Eagle*”) e pousada em um rochedo. A emissão comportava os seguintes valores: 1 (P.128), 2 (P.129), 5 (P.130), 10 (P.131), 20 (P.132), 50 (P.133), 100 (P.134), 500 (P.135) e 1.000 (P.136) dólares. Fonte da imagem: *Smithsonian Institution – National Numismatic Collection, Museum of American History*.



**Figura 13** – Detalhe do anverso da cédula de 100 dólares (figura 12). No centro, na parte superior, podemos ver as seguintes inscrições: “*Patented – April – 23 – 1860. National Bank Note Company. - American Bank Note Company – New York*”. A *National Bank Note Company* associou-se à ABNCo. em 1859. Nas cédulas de 1, 2 e 50 dólares, dessa família, indica-se como impressora a *National Bank Note Company* e, na de 100 dólares, as duas. O fato é que as empresas permaneceram associadas até 1879, quando foram consolidadas ante a perda dos contratos de impressão das cédulas dos Estados Unidos, assumidos pelo B.E.P. (*Bureau of Engraving and Printing*). Mas, no fundo eram a mesma empresa.

A cor simbólica do dinheiro é o verde, pelo menos em relação ao dólar americano. Todas as cédulas atuais possuem o reverso com a tonalidade verde preponderante.

Esta história tem início, em 1857, em Montreal, Canadá<sup>23</sup>.

O Dr. Thomas Sterry Hunt (1826-1892) um estadunidense, geólogo e químico, que na época era professor na Universidade de Laval (Montreal), a pedido do Presidente do *City Bank of Montreal*, desenvolveu um tipo particular de tinta<sup>24</sup> contra a contrafação de bilhetes de banco, que posteriormente seria empregada na impressão dos bilhetes do Governo dos Estados Unidos no período da Guerra Civil (1861-1865). Assim, surgiu o termo “*Greenback*”, ou seja, “verso verde”.

Os direitos sobre a invenção foram comprados por George Matthews, sócio da empresa de impressão *Rawdon, Wright, Hatch & Edson*, de Nova York, com filial em Montreal<sup>25</sup>.

Depois de adquirir os direitos de Hunt, patenteou a tinta nos Estados Unidos (Patente nº 17688), dizendo-se inventor.

A patente acabou ficando com a empresa que, em 1858, veio a integrar a *American Bank Note Company*.

A impressão era realizada com tinta preta e verde, que por algum tempo foi eficaz contra a falsificação por meios fotográficos. Quando o Governo Federal, em 1861, necessitou emitir as cédulas que se tornariam conhecidas como “*bilhetes verdes*”, determinou à *American Bank Note Company* que os imprimisse usando o negro de carbono e sua tinta verde patenteada, o que rendeu à empresa US\$ 5.00 por mil notas impressas (cerca de US\$ 133.00 nos dias de hoje).

Em 1929, houve a oportunidade de se alterar a cor do reverso das cédulas, mas o *Bureau of Engraving and Printing* (B.E.P.) dos Estados Unidos optou por permanecer com o verde, eis que “o verde era psicologicamente identificado com o crédito forte e estável do Governo”.

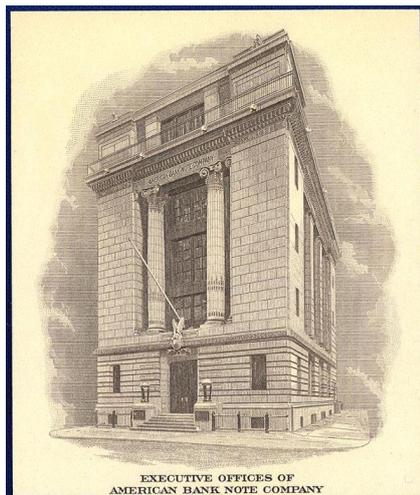
22 Papel-moeda de emergência, emitido durante a Guerra de Secessão e com o reverso impresso na cor verde. É por causa dessas cédulas que o dinheiro passou a ter uma cor simbólica (tradicional), qual seja, o verde.

23 Os dados provêm do livro de William H. Griffiths e do site <http://www.todayifoundout.com/>.

24 Com uma tonalidade de verde.

25 A *Rawdon, Wright, Hatch & Edson* é que imprimia as notas do *City Bank of Montreal*.

## Um impressor a nível mundial



**Figura 14** – Edifício da *American Bank Note Company* de 1908 a 1984 – Broadway Street 70, Nova York (vinheta da ABNCo. s/d, reimpressão, c.1990). O edifício foi inaugurado em 1908 para o departamento executivo e de vendas da ABNCo e desativado em 1984. O prédio é tombado pela cidade de Nova York desde 1955, considerado como monumento histórico.

Após a perda dos contratos de impressão do dólar em 1879, a empresa voltou-se, em definitivo, a outros países, em especial países da América, como México, Brasil, Colômbia, Argentina, Chile, etc.

Com o Brasil, os contratos tiveram início em 1869<sup>26</sup> e terminaram em 1969, ou seja, vigoraram por 100 anos.



**Figura 15** – Anverso da cédula de 100 mil-réis (R131s; P.60) de 1890, impressa pela ABNCo. Essa foi a primeira cédula própria da República. À esquerda, temos as duas igrejas da época colonial – Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé (1761) e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo (1755), com duas torres, que fazem face à Praça XV.

26. Em relação às cédulas do Tesouro Nacional. A ABNCo. também imprimiu cédulas para os bancos privados e ainda para a Caixa de Estabilização e Banco do Brasil.

A ABNCo. imprimiu cédulas para cerca de 148 países, conforme nossas pesquisas. Em 1959, no livro de Griffiths, são apontados 115 países.



**Figura 16** – Anverso da cédula de 10 yuan (P.118o) de 1914, do “Bank of Communications” de Shanghai (Xangai), China, impressa pela ABNCo.

Os principais concorrentes da ABNCo. foram a *Waterlow & Sons*, inglesa, até os anos 30 e a *Thomas de La Rue* (atual De La Rue), também inglesa, principalmente a partir dos anos 50.

Entre 1960 e 1980 a ABNCo. perdeu os principais contratos de impressão de papel-moeda com os países da América. Os motivos são vários. Podemos citar, como exemplo, o desenvolvimento da indústria de impressão nesses países e a evasão de divisas.

Nos anos 80, imprimiu, em modo experimental, cédulas em Tyvek<sup>27</sup>, um polietileno de alta densidade (uma espécie de plástico) para o Haiti, Costa Rica, Equador, El Salvador, Honduras, Ilha de Man e Venezuela.

A empresa continuou com pequenos contratos com o Haiti, Venezuela, Honduras, Costa Rica, entre outros, que não garantiram sua sobrevivência como impressora de papel-moeda.

De 1984 a 1988, a ABNCo. fez uma série de maus investimentos em holografia que, somados à falta de novos contratos de produção de papel-moeda, resultaram na reestruturação da empresa em 1990.

## O Desaparecimento

Em 1990, a empresa foi reestruturada pondo fim à produção de papel-moeda, pelo menos no que diz respeito à marca *American Bank Note Company*.

O relatório anual do ano de 1991 traz a nova denominação da empresa, qual seja, *United States Banknote Corporation*, inaugurando uma nova fase.

Como vimos, em 2016 ela volta a ter uma denominação parecida com a antiga, qual seja, *American Banknote Corporation* (ABCorp.).

O material produzido pela nova empresa, a partir de 1991, não é semelhante ao da antiga *American Bank Note Company*, inclusive as novas cédulas eram produzidas em Los Angeles. Foram impressas cédulas para uma vintena de países, alguns antigos clientes da ABNCo, como o Haiti.

Em 2016, quando a empresa mudou, novamente, sua denominação, ela já não produzia mais papel-moeda, dedicando-se a outros produtos na área de segurança.

No entanto, acreditamos que a saga da empresa em torno do papel-moeda, que marcou quase 200 anos de sua história, terminou em 1990.

27. É uma marca registrada pela Du Pont.

## Bibliografia

- *A Guide Book of United States Coins*, por R.S. Yoman, 56 th edition, 2003.
- *Dinheiro no Brasil* por F. dos Santos Trigueiros, Rio de Janeiro, 2ª Edição, Léo Cristiano Editorial, 1987.
- *Standard Catalog of World Paper Money – General Issues - 1368-1960*, 16th edition, 2016.
- *The Early Paper Money of America* by Eric Newman, Iola (Wisconsin), Krause Publications, 2008.
- *The Story of American Bank Note Company* by Willian H. Griffiths, ABNCo. New York, 1959.
- *Standard Catalog of United States Paper Money*, 32nd edition, 2013.
- **Wikipedia** – diversos artigos em inglês, francês e português.

Observação: Trazemos aqui apenas uma centelha da história da *American Bank Note Company* e deixamos para outros apontamentos a relação que teve com o Brasil.

(\*) Marcio R. Sandoval

E-mail: [sterlingnumismatic@hotmail.com](mailto:sterlingnumismatic@hotmail.com)

Blog: <http://sterlingnumismatic.blogspot.ca>



**41 988055665**

**Selos – Ricardo Dal Pasqual**

Loja: [stores.ebay.com/selosricardo](https://stores.ebay.com/selosricardo)

## *Chicago... I will*

Maurício Silva Soares - Biguaçu, SC (\*)

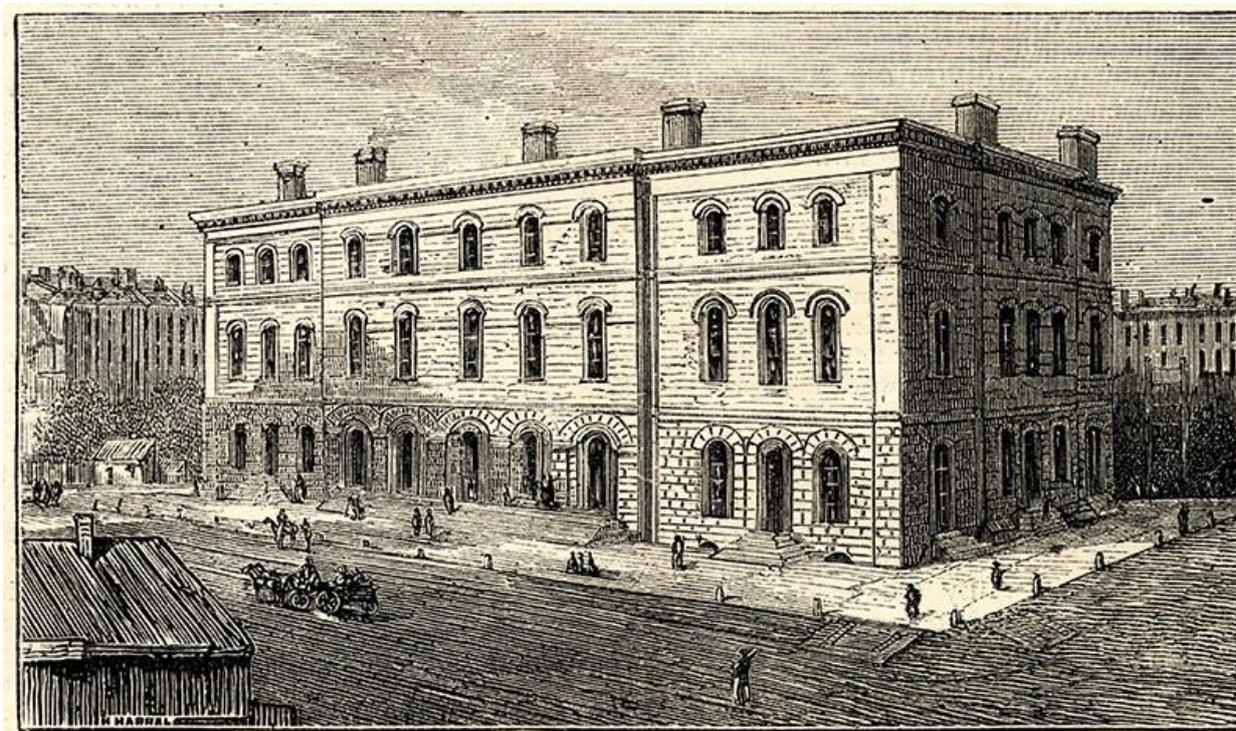
Uma terrível devastação atingiu a cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 8 de outubro de 1871.

Após um verão excepcionalmente seco, um incêndio de grandes proporções começou a sudoeste do centro da cidade, no celeiro existente atrás da casa de Patrick e Catherine O'Leary, na Rua DeKoven 137, pouco depois das nove horas da noite de domingo. Discute-se, ainda hoje, como esse incêndio se iniciou, embora muitos culpem uma vaca, de propriedade da Sra. O'Leary.

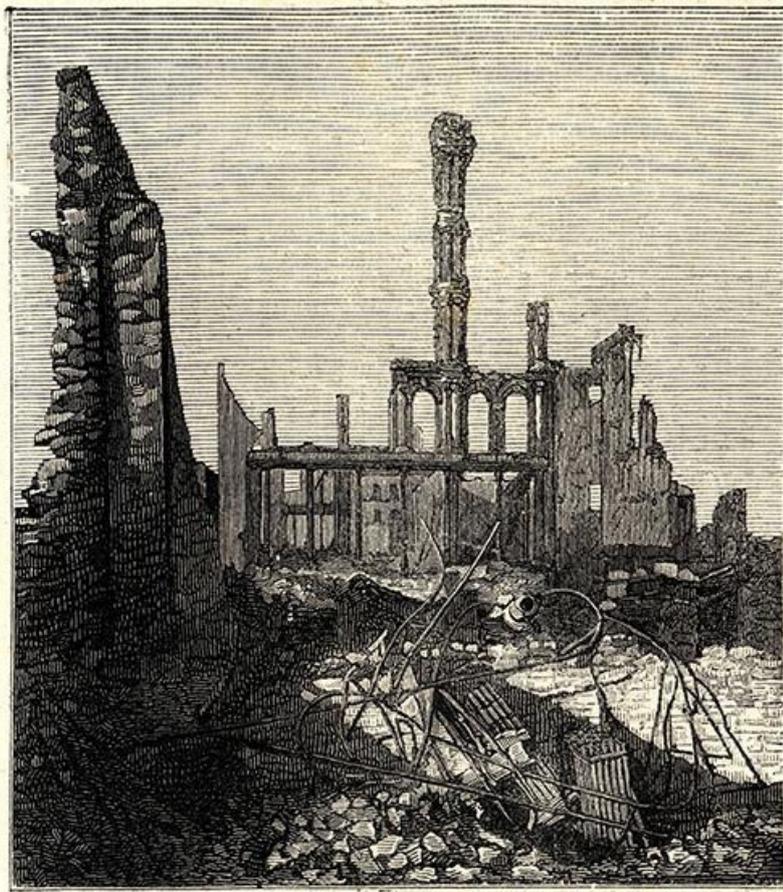
Ventos fortes levaram as chamas para o Nordeste. O fogo ardeu durante dois dias, até que a chuva finalmente conseguiu o que os cidadãos não conseguiam.

O incêndio apagou-se, mas não sem antes arrasar o distrito comercial e muitos de seus bairros nos lados oeste e norte da cidade, deixando cento e vinte mortos identificados (e tantos ou mais desaparecidos para sempre), e cem mil desabrigados.

Uma das edificações destruídas foi o edifício dos Correios. Construído em pedra, com venezianas e portas de ferro, acreditava-se que a Agência dos Correios era à prova de fogo. Enquanto os ventos lançavam as chamas em direção ao edifício, os funcionários fecharam as portas de ferro internas para proteger o prédio. Também haviam fechado as venezianas, como era a prática depois do expediente. No entanto, um prédio vizinho caiu, danificando as venezianas das janelas norte e permitindo que o fogo violasse as defesas do prédio. Em menos de cinco minutos, todo o primeiro andar estava em chamas. Funcionários dos Correios correram para a alfândega vizinha, que eles acreditavam ainda estar segura. Mas, infelizmente, o fogo quebrou uma escada velha e destruiu totalmente o prédio.



Agência dos Correios de Chicago, construída em 1857, na esquina das ruas Monroe e Dearborn.



Agência dos Correios, após o incêndio.

Com o prédio destruído, a Agência dos Correios passou a funcionar temporariamente na Igreja Metodista da Avenida Wabash.

Dentro de pouco tempo, arranjos temporários foram feitos para lidar com as atividades de assistência e bem-estar necessários e Chicago começou a se reconstruir. Apesar da destruição, o incêndio não alterou em princípio a forma e os propósitos da cidade. Reconstrução e confiança cresceram a tal ponto que, na primavera de 1872, os habitantes de Chicago iniciaram o planejamento de uma exposição para chamar a atenção do resto do País para suas realizações. Inaugurada em setembro de 1873, mais de 60.000 pessoas se sentiram atraídas durante os dezoito dias da Exposição, para conhecer o progresso material e cultural de Chicago, bem como para ver a própria cidade reconstruída.



Selos resgatados, no Correio de Chicago, danificados pelo fogo e água.

Os moradores nunca tiveram dúvidas de que Chicago iria ser reerguida. Sua localização, sua importância econômica e sua população exigiram que a reconstrução da cidade começasse quase imediatamente. Logo, o povo de Chicago adotou o lema “I Will” (Eu irei) como demonstração de sua determinação em superar o desastre do incêndio e reconstruir a cidade, retratando o espírito de renascimento.



Cartão-postal, anos 1910, com o lema “I will”.



Perfins da cidade de Chicago, utilizados entre 1902 e 1980.

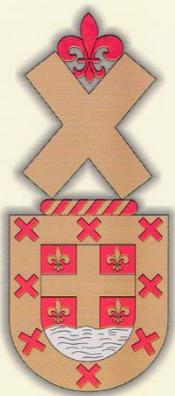


Franquia mecânica, fazendo referência ao slogan “I will”. As quatro estrelas da bandeira fazem menção a quatro importantes fatos históricos da cidade. A segunda estrela refere-se ao incêndio de 1871.

### Referências Bibliográficas

- 1 - <https://postalmuseum.si.edu/collections/object-spotlight/chicago-fire>, por Marv Murray
- 2 - [http://barneysstamps.com/library/ebooks\\_chicago-postal-history.pdf](http://barneysstamps.com/library/ebooks_chicago-postal-history.pdf)
- 3 - <https://mag.uchicago.edu/law-policy-society/great-fire-chicago-1871>
- 4 - <https://www.breakwaterchicago.com/single-post/2016/02/29/make-no-little-plans-they-have-no-magic-to-stir-mens-blood>

(\*) Maurício Silva Soares - [mss1971@floripa.com.br](mailto:mss1971@floripa.com.br)



# Pires Filatelia

Selos para coleções  
Selos temáticos  
História postal  
Variedades, provas  
Muito mais

E-mail: [lpneto56@gmail.com](mailto:lpneto56@gmail.com) Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO) 

**BLUMENAU-SC**  
02 e 03 de ABRIL

**TIMBÓ-SC**  
10, 11 e 12 de JUNHO

**FLORIANÓPOLIS-SC**  
06 e 07 de AGOSTO

**JOINVILLE-SC**  
17 e 18 de SETEMBRO

**BRUSQUE-SC**  
15 e 16 de OUTUBRO

**CHAPECÓ-SC**  
26 e 27 NOVEMBRO

# ENCONTROS de COLECIONADORES

## Calendário - 2022

**ENTRADA FRANCA**

Para mais informações: [afsc@afsc.org.br](mailto:afsc@afsc.org.br)

**brazil stamps**

Selos - Envelopes - Material filatélico

[www.brazilstamps.com.br](http://www.brazilstamps.com.br)  
[contactbrazilstamps@gmail.com](mailto:contactbrazilstamps@gmail.com)

Caixa Postal: 248 - Juazeiro do Norte - CE - 63010-970 - Brasil (85) 9 9813-5016

## Especialista em Filatelia Maçônica

# ROTTERDAM - A CIDADE DESTRUÍDA

Roberto Aniche – São Paulo, SP (\*)

## A HISTÓRIA

No início da Segunda Grande Guerra, a Alemanha Nazista impôs à Europa suas táticas de guerra mais agressivas, iniciando com a invasão da Polônia na madrugada de 1º de setembro de 1939 (1,5 milhão de soldados, 3.600 blindados e 1.929 aviões de guerra), além do ataque à cidade portuária de Danzig com o encouraçado Schleswig-Holstein.

O ataque alemão foi justificado por Hitler como uma resposta a uma suposta agressão polonesa contra uma rádio alemã, localizada em uma cidade fronteiriça (na verdade, uma operação "*bandeira falsa*", forjada pelos alemães para servir de pretexto à agressão contra a Polônia).



*Durante o verão de 1940, a Alemanha invadiu a Bélgica, o Luxemburgo, a França e a Holanda, estreando sua famosa tática fulminante, a Blitzkrieg ou guerra relâmpago, além de outro invento alemão naquela guerra, o Carpet Bombing. Durante a invasão da Holanda, o exército alemão cercou Rotterdam e iniciou negociações para a rendição da cidade. A Holanda se rendeu e, mesmo assim, os alemães bombardearam a cidade para estabelecer um exemplo de terror para quem tentasse resistir. Antes de Rotterdam nunca o mundo tinha presenciado tamanha destruição em tão pouco tempo.*

O bombardeio da Luftwaffe a Rotterdam, em 14 de maio de 1940, em dez minutos definiu por muito tempo a cidade contemporânea. Naquela tarde, a velha Rotterdam foi devastada em um ataque que matou 850 pessoas, destruiu 25.000 casas e 11.000 outros edifícios. Muitos desses prédios escaparam de um impacto direto, mas foram perdidos nos incêndios incontroláveis que incineraram uma área de cerca de 258 hectares.



Rotterdam após o bombardeio de 14 de maio de 1940 pela Luftwaffe

A Rainha Guilhermina exilou-se, com sua família e membros do governo dos Países Baixos, no Reino Unido. Civis, militares e funcionários do Exército dos Países Baixos, também se deslocaram para aquele país, levando consigo navios e aviões.



Royal Dutch Naval Air Service



Os membros da Forças Armadas dos Países Baixos fundaram, em agosto de 1940, no Reino Unido, a Royal Dutch Naval Air Service e lutaram ao lado da Força Aérea Real contra o inimigo comum, na Batalha da Grã-Bretanha.

Após o ataque a Rotterdam, o Governo dos Países Baixos capitulou e os invasores alemães ocuparam o país de 1940 até 1945, ano em que os Países Baixos foram libertados pelos aliados.

### ***OSSIPE ZADKINE, O ARTISTA***

Em 1946, o artista Ossip Zadkine viajou por Rotterdam de trem e viu o centro da cidade vazio, limpo de escombros, estendendo-se até o rio com apenas alguns prédios ainda de pé.

A visão o impressionou e serviu de inspiração para a escultura em bronze *De Verwoeste Stad* (A cidade destruída).



*Ossip Zadkine, nascido em 1890, em Paris, e falecido em 1967, foi escultor bielorrusso de ascendência judaica, radicado na França. Além da escultura, produziu trabalhos na pintura e na litografia.*

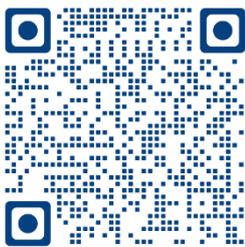
*Depois de frequentar uma escola de arte em Londres, fixou-se em Paris por volta de 1910, onde integrou o novo movimento cubista (1914-1925), desenvolvendo depois um estilo original fortemente influenciado pelas artes primitivas.*

Um pequeno bronze da escultura foi mostrado no Stedelijk, Museu Municipal de Amsterdã em 1948 e, no inverno de 1949-50, foi incluída em uma retrospectiva do trabalho de Zadkine no Museu Boijmans van Beuningen em Rotterdam. Zadkine esperava uma encomenda e ela veio na forma de uma oferta anônima.

O projeto da estátua não foi universalmente aceito na época, até porque Zadkine era um cubista. A estátua não representava uma figura ou herói idealizado, não se parecia em nada com a expectativa de ser um memorial de guerra e a escolha foi muito debatida antes de ser paga pelo patrono anônimo, em 1951.

A identidade do patrono não foi publicamente reconhecida até vinte e cinco anos depois, quando a loja de departamentos *De Bijenkorf* confirmou que havia sido a força motriz desse monumento.





Vídeo original da  
inauguração

A estátua foi inaugurada em 15 de maio de 1953, na Plein 1940, grande praça aberta entre o Museu Marítimo e um prédio de apartamentos no porto do Museu Leuvehaven. A estátua tem seis metros e meio de altura, instalada em um alto pedestal de granito no centro da praça.

Talvez a melhor descrição dessa escultura tenha sido escrita por John Berger, pintor e escritor inglês, que a publicou em seu livro *Permanent Red*, de 1960, quando a visitou em 1959:

*Qual é o significado desta imagem? Ou melhor, quais são os significados? [...] A figura representa a cidade. E o primeiro tema dominante é o da cidade sendo devastada, arrasada. As mãos e a cabeça clamam contra o céu de onde caem as bombas apontadas pelo homem. [...] O torso do homem é rasgado e seu coração é destruído. [...] As pernas cedem na altura dos joelhos. A figura inteira está prestes a cair. O segundo tema é muito diferente. Esta também é uma figura de aspiração e avanço. O coração é arrancado, mas os braços e as mãos não são apenas erguidos em angústia e uma vã tentativa de se conter, eles também se erguem e se erguem. As pernas não apenas cedem na altura dos joelhos, mas também se doblam porque são firmes. E de todas as direções, conforme você caminha ao redor desta figura, o passo parece ser para a frente. A figura não tem costas - e por isso não pode recuar. Avança em todas as direções (e não pense que agora estou falando metaforicamente; estou sendo bastante literal).*



Bélgica, 1974, Y-1707



Holanda, 1965, Y-810/812

---

O que mais essa escultura nos lembra? O que diz à humanidade, com o peito com o coração roubado e os braços abertos questionando os céus? Esta resposta cada um de nós deve dar antes que outra guerra comece...

---

## *Bibliografia*

Catálogo Scott 2013

[www.colnect.com](http://www.colnect.com)

[www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

<https://www.museum19401945.nl/tijdlijn-tweede-wereldoorlog#1940>

[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Destroyed\\_City](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Destroyed_City)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ossip\\_Zadkine](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ossip_Zadkine)

<https://www.sculptureinternationalrotterdam.nl/collectie/de-verwoeste-stad/>

[https://nl.wikipedia.org/wiki/De\\_verwoeste\\_stad](https://nl.wikipedia.org/wiki/De_verwoeste_stad)

<https://www.bing.com/images/search?q=rotterdam%20before%20and%20after%20war&qs=n&form=QBRMH&sp=-1&pq=rotterdam%20before%20and%20after%20war&sc=0-30&cvid=6317C54B7DB9495DAB6198534B087FF8&first=1&tsc=ImageBasicHover>

<https://www.instigatorium.com/rotterdam-lembra-quando-foi-arrassada-por-bombardeio-nazista/>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/invasao-polonia-inicio-segunda-guerra-mundial.htm>

<https://artatheartblog.wordpress.com/2013/07/15/sculpture-de-verwoeste-stad/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bombardeio\\_de\\_Roterda%C3%A3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bombardeio_de_Roterda%C3%A3)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ossip\\_Zadkine](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ossip_Zadkine)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Berger](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Berger)

<https://www.defensie.nl/onderwerpen/tijdlijn-militaire-geschiedenis/1940-1945-de-tweede-wereldoorlog>

*Agradecimentos especiais à arquiteta Laura Quadros Aniche, moradora na cidade de Schiedam, Países Baixos, professora e pesquisadora em Urbanismo e Sustentabilidade da Universidade Erasmus, Rotterdam.*

### *Índice de Imagens:*

Fig. 1 – Selo, Alemanha, 1943, Y-DR-756

Fig. 2 – Fotografia, Rotterdam destruída, 14 de maio de 1940

Fig. 3 – Selo, Holanda, Rainha Guilhermina, 1940, Y-337

Fig. 4 – Fotografia, Royal Dutch Naval Air Service

Fig. 5 – Fotografia, *Ossip Zadkine*

Fig. 6 – Escultura Rotterdam Destruída, de Ossip Zadkine, instalada na Plein 1940, Rotterdam

Fig. 7 – QRCode com filme da inauguração da estátua em 15 de maio de 1953

Fig. 8 – Fotografia, escritor John Berger

Fig. 9 – Selos: Bélgica, 1974, Y-1707; Holanda, 1965, Y-810-812



(\*) Dr. Roberto Aniche

Médico Ortopedista

Sócio da SPP Soc. Philatélica Paulista

Membro da Sobrames Soc. Bras. Médicos Escritores

[www.robertoaniche.com.br](http://www.robertoaniche.com.br)

[robertoaniche@yahoo.com.br](mailto:robertoaniche@yahoo.com.br)

# A História do Brasil através dos Selos

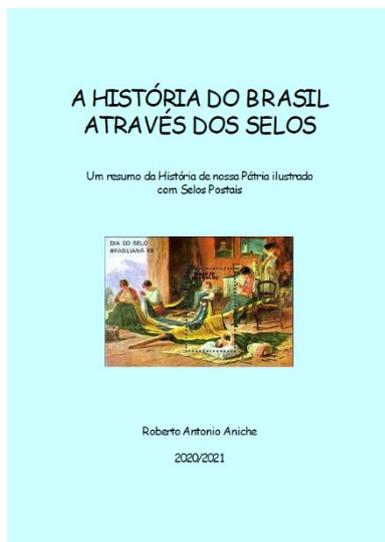
AFSC

A AFSC tem a satisfação de registrar o lançamento do último fascículo da série “A História do Brasil Através dos Selos”, ocorrido no último dia 18 de fevereiro, além do livro completo, todos em pdf, de autoria do Doutor Roberto Antonio Aniche.

Uma obra exemplar, que mostra a História do Brasil e divulga a Filatelia.

Elaborada ao longo de mais de dois anos e divulgada em fascículos quinzenais, a obra pode ser encontrada completa e gratuitamente no site do Dr. Aniche, conforme banner abaixo.

Uma característica marcante dos fascículos é a oportunidade de o filatelista imprimi-los, de forma a incluir selos e blocos reais, formando um misto de livro de História do Brasil e álbum de selos, o que sem dúvida constitui um estímulo aos jovens estudantes brasileiros.



O Dr. Roberto Aniche é médico formado pela Escola Paulista de Medicina e vive em São Paulo, capital, onde atua. É filatelista, associado à AFSC e atua na formação de jovens filatelistas. Também escreve para diversas publicações como este boletim SANTA CATARINA FILATÉLICA.

Capa do livro A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

VISITE

## WWW.ROBERTOANICHE.COM.BR

A história do Brasil,  
através dos selos



Em 25 fascículos  
quinzenais,  
totalizando  
83 capítulos

*A Filatelia une pessoas  
e conhecimentos, ciências  
e amizades.*

**Uma grande biblioteca de  
Filatelia**

- Artigos filatélicos
- Álbuns para selos
- Banco de teses
- Cartofilia
- Coleções
- Numismática
- Palestras e reportagens

**E ainda:**

- Filatelia para principiantes
- Crônicas e curiosidades





# Neumann Filatelia

## 73ª Venda sob Ofertas



**BARREIRO**

Único carimbo  
conhecido



Único carimbo conhecido



Bloco da Legião com variedade

Alguns lotes da nossa 73ª Venda sob Ofertas, que contará com cerca de 2.900 lotes e será realizada no próximo **dia 9 de abril de 2022** (sábado), ao vivo, na sede social da Sociedade Filatélica Paulista (SPP), no centro de São Paulo. Serão dois eventos:  
10:00hs - Lançamento oficial do livro do Centenário da SPP  
13:00hs - a nossa Venda Sob Ofertas

**Os destaques desta VSO são:**

Acima de 400 peças de Censura do Brasil e do exterior

Acima de 300 lotes do período do Império do Brasil, com ênfase no setor de Carimbologia

Dezenas de lotes das ex Colônias Portuguesas, tanto em selos isolados como em coleções

Cerca de 400 lotes da Alemanha em geral, com ênfase nos Antigos Estados e ex Colônias

Importantes itens da temática Jogos Olímpicos, com cerca de 70 lotes

Centenas de coleções de países em geral, algumas bem avançadas

Vasta literatura do Brasil



Envelopes de Zeppelin do Vaticano



Primeiro voo para o Brasil



Falta do preto

Claudio Walter Neumann - Fones (11) 4023-3225 / 4022-0428 e (11) 99950-8331 (Whatsapp)  
*Neumann Filatelia - 51 Anos de Tradição Filatélica Familiar*

[www.neumannfilatelia.com.br](http://www.neumannfilatelia.com.br)

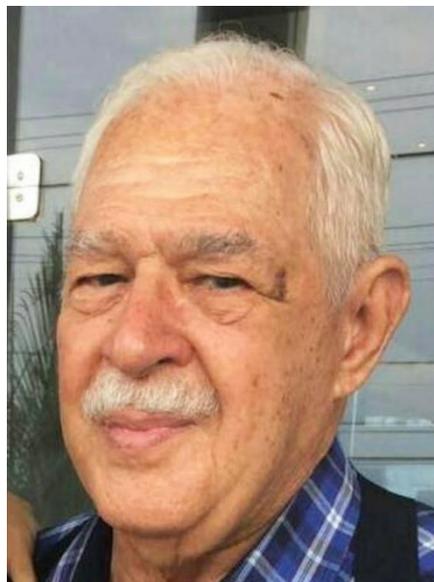
[neumannstamps@uol.com.br](mailto:neumannstamps@uol.com.br)

## *Entrevista*

# JOSÉ FERREIRA DA CUNHA

Peter Johann Bürger – Florianópolis, SC

José Ferreira da Cunha, entrevistado desta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica, nasceu em Florianópolis, SC, em 19 de março de 1929. Técnico em Contabilidade, filatelista, comerciante filatélico, viajante de laboratório farmacêutico, desportista, palestrante, historiador e lexicógrafo ou dicionarista. Aos 93 anos, é considerado como um dos pioneiros na filatelia de Santa Catarina. Atuou por muitos anos na Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina (AFSC), ocupando o cargo de Presidente e outros cargos de Diretoria. Manteve uma loja filatélica na sede da AFSC. Foi um dos responsáveis pela retomada da publicação do Boletim Santa Catarina Filatélica (SCF), em 1975, juntamente com o Dr. Júlio Cordeiro e o Cel. Wanderley de Paula Medeiros. Atualmente, dedica-se à filatelia temática sobre contos infantis, bem como à preparação de dois dicionários. Tem predileção por contar histórias e cultivar a memória da família.



O Senhor José Ferreira da Cunha nos recebeu de maneira bastante agradável e simpática para esta entrevista. Agradecemos sua disponibilidade.

SANTA CATARINA FILATÉLICA - Como o Senhor soube da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina (AFSC)?

JOSÉ FERREIRA DA CUNHA - Eu tinha quatorze anos de idade e ainda era estudante. Era o ano de 1943. Eu soube que havia uma Associação Filatélica na Rua Álvaro de Carvalho, esquina com a Rua Felipe Schmitt, onde funcionava a Associação dos Empregados da Caixa.

SCF - O Senhor é o associado número 55 da Associação.

JFC – Sim. Acredito ser o único ainda vivo entre os primeiros cem associados da AFSC.

SFC – Quem eram seus colegas filatelistas na época?

JFC – Entre os colegas com quem convivi, destaco: Osni Pinto da Luz, Félix Schmiegelow, João Carlos Ramos, Tiago de Castro (Tiago Vieira de Castro), João Steudel (João Steudel Areão), Francisco Manoel da Silva, Adolfo Boettcher, José Leonardo Clasen, Werner Springmann, Érico Czenat, Hartwig Beck, Raul Bastos, Armando d'Acampora, Washington Luiz do Valle Pereira, Alfredo Campos, Edgard Schneider (Edgard Tasso Schneider), Vecchietti (Arnaldo Vecchietti), que era o comandante do navio da firma Carlos Hoepcke, Francisco (Francisco Miguel da Silva) e o jornalista Rosa (João Teixeira da Rosa).

SCF – O Senhor fez muitos amigos na filatelia?

JFC – Tenho muitos amigos no mundo inteiro. Visitei vários países, entre os quais Inglaterra, França e Espanha. Pelo fato de ser maçom, visitava as Lojas Maçônicas e conversava sobre selos e filatelia sempre que possível. Foram bons momentos para dialogar com todos. Também tive uma extensa correspondência para troca de selos, com negociantes e colecionadores, principalmente de países da Europa. Possuo grande coleção de envelopes circulados.

SCF – Que passagens marcantes destacaria nesses seus anos de Associação?

JFC – Lembro-me que o associado Dr. Júlio Cordeiro, médico, colecionador de selos do Brasil Império em quadras, lançou, no final dos anos 60, a ideia da compra de uma sede própria. Porém, o Osni Pinto da Luz que era um tesoureiro muito sovina, era contrário, entendia que não teríamos dinheiro. Dizia que não podíamos efetuar uma compra que não teríamos condições de pagar. Mas o Dr. Félix Schmiegelow juntamente com o senhor Werner Springmann foram favoráveis. Tempos depois, o Dr. Júlio Cordeiro disse que, como médico, garantia conseguir no mínimo 150 médicos como associados e que ele mesmo realizaria as cobranças. E que eu, Cunha, que era viajante de laboratório farmacêutico, faria a cobrança dos médicos do interior. A ideia era de que cada associado comprasse um título de Cr\$120,00 (cento e vinte cruzeiros), pagando Cr\$5,00 (cinco cruzeiros) de mensalidade. Nesse tempo, a Construtora A. Gonzaga iniciou a construção do prédio da Rua dos Ilhéus. Ainda com o prédio em construção, fomos cobrando os títulos e mensalidades. Quando a Construtora A. Gonzaga terminou a obra, já tínhamos um bom capital. Fizemos então a compra da sala, dando uma boa entrada. Ao lado dessa sala havia um corredor onde a molecada fazia uma verdadeira bagunça. Por isso, o Dr. Júlio Cordeiro fez uma proposta à A. Gonzaga. Se a construtora incluísse na compra da sala o corredor, a Associação faria propaganda e exposição de todos seus produtos. A Construtora aceitou. Concluído o prédio, nossa sala foi inaugurada em 1970.

Há uma outra passagem que vale a pena ser contada. Encontrava-me no Hospital de Tubarão, SC, realizando meu trabalho de propaganda médica. Terminada a propaganda, apresentei aos médicos os talões de cobrança das mensalidades do plano organizado pelo Dr. Júlio Cordeiro, no valor de Cr\$5,00 (cinco cruzeiros). Colegas representantes de outros laboratórios, que ali estavam, estranharam. “Faz propaganda e ainda cobra”? Um deles, retornando a São Paulo, comentou com meu gerente. “Sabe que seu representante faz propaganda médica e ainda cobra”? Meu gerente imediatamente levou o caso para seus superiores. Logo recebi um telegrama, convocando-me com urgência a São Paulo. Chegando lá, estava toda a diretoria da empresa reunida. “O Senhor faz propaganda e ainda cobra? Isso é proibido! Nossa empresa não permite”! Comecei a rir. Puxei do bolso e mostrei para eles os talões de cobrança do plano para a compra da nossa sede.

SCF - Há algum fato curioso que o Senhor gostaria de relatar?

JFC – Quando passamos para a sede própria, um mineiro visitou a Associação. Eu o atendi, perguntando como poderia ajudá-lo. Ele falou que soube que ali funcionava uma Associação Filatélica. Conversamos. Eu disse a ele que havia chegado no momento certo, pois estávamos precisando de um Secretário. Ele foi eleito Secretário e faleceu como Secretário. Tratava-se do Cel. Wanderley de Paula Medeiros, a quem a AFSC prestou uma justa homenagem no Boletim Santa Catarina Filatélica nº 76. As coleções temáticas de lepidópteros e de orquídeas do Cel. Wanderley eram inigualáveis.

SCF - Como era a filatelia catarinense e brasileira? O que se comentava?

JFC – Na filatelia catarinense e brasileira, os colecionadores se dedicavam a coleções universais. Havia um álbum de selos, alemão, com as emissões universais. Não havia muitos países emissores e eram baixas as emissões de selos. Eu não gostava muito de coleções universais. Como eu tinha interesse por plantas medicinais, comecei a me dedicar ao tema. Assim, passei a desenvolver uma coleção temática de plantas e flores medicinais.

SFC – Como se dava o acesso dos colecionadores aos selos?

JFC – Os colecionadores obtinham os selos para suas coleções, principalmente os universais, de negociantes que apareciam na cidade, como também através de negociações com os demais colecionadores que frequentavam a Associação.

SCF – O que, na sua opinião, a filatelia tem de melhor?

JFC - Para mim, a filatelia é uma das melhores atividades de apoio à educação. Permite ilustrar conhecimentos de geografia, história, língua portuguesa e línguas estrangeiras.

SCF – Como as crianças e jovens aprendiam sobre filatelia?

JFC – Com muita conversa e exibição de material. Aqui vai uma história:

Certo dia, chegou à Associação um dentista conhecido que queria que eu ensinasse filatelia para seu filho. Disse-me que o jovem era estudante e poderia se desviar para caminhos perigosos. Falei que poderia deixá-lo lá, pois já havia outros jovens interessados, como o filho de Érico Czenat. Foi, assim, se formando um grupinho para o qual eu dava aulas. Do grupo, participavam futuros médicos, engenheiros e advogados, entre os quais, como exemplo, o Dr. Luis Cláudio Fritzen, que hoje é uma personalidade muito conhecida no meio da filatelia, como Consultor, jurado FEBRAF, FIAF e FIP; várias vezes Presidente da AFSC; atual Vice-Presidente da FEBRAF e Presidente da FIAF (Federação Interamericana de Filatelia) e colecionador premiado (coleções tradicionais da Noruega e Suécia e temáticas de Submarinos e Mergulhos). Quando iniciou na filatelia, ele estava em dúvida sobre sua coleção temática, escolhendo, depois, o tema Submarinos. Lembro-me de que eu forneci a ele duas fotos de submarinos no Chile. Também fui divulgador dos Correios. Fazia palestras nas escolas, aproveitando para encaixar o tema filatelia e convidar as crianças para visitarem a Associação.

Porém, a presença de crianças nas sessões das quintas-feiras perturbava os adultos. O Vecchiatti (Arnaldo Vecchiatti) não gostava de que as crianças manuseassem suas moedas de ouro, bem como os filatelistas, suas coleções. Assim, criei sessões aos sábados à tarde, só para crianças. Nessas sessões quem dava atenção às crianças era a Sra. Lucia de Oliveira Milazzo. Foi um sucesso.

SCF – O que o Senhor aconselharia a alguém que quisesse, hoje, começar uma coleção de selos?

JFC – Hoje em dia é muito caro iniciar uma coleção tradicional de um país. Até mesmo do Brasil. Aconselho escolher temas, relacionados aos interesses do futuro colecionador. Existe uma infinidade de possibilidades de coleções temáticas: flora, fauna, animais pré-históricos e até coleções futuristas, como sobre as novas descobertas do ser humano.

SCF – O Senhor pode falar de sua coleção temática sobre plantas e flores medicinais?

JFC - A coleção temática sobre selos de plantas e flores medicinais, desenvolvi de forma didática, e acabei por vendê-la à Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Os professores acharam que seria um excelente material didático para o curso, pois a coleção apresentava, além dos selos, os benefícios dessas plantas e flores.

SCF – O Senhor se dedicou, também, a outras coleções temáticas?

JFC – Sim. Colecionei outros temas como animais pré-históricos e esportes. Nunca fiquei com nenhuma coleção, sempre vendia. Quem comprava era o negociante Israel Doctugiski que vendia selos para os associados. Uma das grandes coleções temáticas que fiz foi sobre “Papel moeda do Brasil desde o Império até a atualidade”. Essa coleção estava quase completa. Acabei vendendo, após muita insistência, para um negociante de São Paulo que estava em visita à Associação. Atualmente, tenho pequenas coleções temáticas como a de contos infantis, que deixam todas as crianças vidradas nos personagens, principalmente os de Walt Disney.

SCF - Como surgiu seu interesse pelo comércio filatélico?

JFC – Tudo começou com as visitas de fornecedores e comerciantes que vinham à Associação. Depois que deixei a atividade de viajante de laboratório farmacêutico, passei a me dedicar ao comércio filatélico, criando a Loja FDC Ltda.

Logo, os Correios permitiram que eu montasse, na sede da AFSC, em convênio, o Posto 027. Nesse posto, eu atendia a todo o pessoal do prédio e adjacências. O movimento de venda de selos dos Correios para postagem era pequeno. Então comecei a entrar em contato com grandes clubes e firmas, Lira Tênis Clube, Clube Doze de Agosto, Associação Catarinense de Medicina – ACM, na época presidida pelo Dr. Júlio Cordeiro, Conselho Regional de Agronomia – CREA e a Empresa USATI - Porto Belo. Foi quando a venda de selos deslanchou com grande volume de postagens. Passei a comprar e ter acesso a grande quantidade de selos. Assim, favoreci muitos associados com variedades.

SCF – Como era seu comércio na loja filatélica?

JFC – Era movimentado. Vendíamos selos e material filatélico, inclusive Hawid. Os Hawid eram importados da Alemanha por um amigo, o negociante alemão Hermann Brill. Eles vieram para facilitar, principalmente, a montagem das coleções temáticas, auxiliando muito na conservação das peças. Anteriormente, o uso de charneiras deixava marcas nos selos.

SCF – Além da filatelia, do comércio filatélico e da propaganda de laboratórios farmacêuticos, a que outras atividades o Senhor se dedicou?

JFC – Fui desportista. Jogava basquetebol, vôlei e praticava ciclismo. Espelhei-me muito no meu avô materno, que era ciclista.

SCF – O Senhor pode nos falar do seu avô ciclista?

JFC – Meu avô foi Miguel Villa Real Vela. Era argentino, naturalizado brasileiro. Nasceu em 5 de julho de 1875, e faleceu em Florianópolis, em 24 de fevereiro de 1963. Estudou em Buenos Aires, Engenharia Mecânica - Habilitação em Eletricidade. Em Londres cursou Pós-Graduação em Geradores para Usinas Hidrelétricas na fábrica da Siemens. Periodicamente ia da Inglaterra à França de navio pelo Canal da Mancha, deslocando-se de bicicleta para Paris para cursar fotografia.

Participou de uma viagem marítima à América do Sul, da Eastern Telegraph Company, para instalar cabos telegráficos. Aproveitou a expedição para fotografar as cidades do roteiro.

Passando em Desterro (Florianópolis, SC), o Governador Gustavo Richard (1906 – 1910) o contratou para montar a Usina Hidrelétrica de Maruim, inaugurada em 25 de setembro de 1910. Como não existia ainda a Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, ele montou dois cabos submarinos para transmissão de energia elétrica para a nossa ilha.

SCF – O Senhor poderia falar mais sobre o ciclismo?

JFC – Criei, em 1950, o RAID Ciclismo de Florianópolis - Buenos Aires. O tempo de percurso dessa RAID foi de 97 dias. Não havia ainda estradas para ônibus ou automóveis, apenas para caminhões. Eu chefi o grupo. No dia da largada, na Praça XV de Novembro, em Florianópolis, SC estavam presentes o vereador Dr. Osmar Cunha, o Presidente da Federação Atlética Catarinense - FAC, o ciclista campeão catarinense, Samuel Santos, o orador da FAC, Dr. João Bonnassis e o Prefeito Dr. Tolentino de Carvalho. Entre os ciclistas da prova destacava-se Célio Garcia.

SCF – O Senhor há muitos anos se dedica à lexicografia ou dicionarismo. Quais são os dicionários que desenvolve?

JFC – Há mais de vinte anos trabalho na elaboração de dois dicionários. Um dicionário de palavras cruzadas e outro dicionário de palavras homófonas (palavras com significados diferentes e mesma pronúncia). Estou com a intenção de convencer um prefeito ou o governador para distribuí-los em larga escala. Gostaria muito que fossem distribuídos como material didático nas escolas.

SCF - O Senhor participou de Exposições Filatélicas?

JFC – Sim, participei. Inclusive fui premiado na IIª Exposição Filatélica Municipal, realizada em Blumenau, em 24 de novembro de 1961, quando fui agraciado com uma taça ofertada pelo Prefeito Waldemar Vieira. Expus uma coleção de selos da Costa do Ouro, atualmente Gana. Fui vencedor com uma coleção tradicional completa, do primeiro selo ao último lançado até a realização da Exposição. Nessa Exposição, foi jurado o Cel. Wanderley de Paula Medeiros, que classificou e premiou minha coleção.

SCF – O que o Senhor diria sobre os Encontros de Colecionadores e as Vendas sob Ofertas (VSOs)?

JFC – Entendo que os Encontros Filatélicos e as VSOs foram grandes iniciativas. Se não me engano, os Encontros se iniciaram em Itajaí ou Blumenau. Nossa Associação promoveu o primeiro Encontro, em Florianópolis, no ano de 1973. Participei de vários desses Encontros. Aproveitava para vender meu material.

SCF – Qual a sua opinião sobre as recentes emissões de selos pelos Correios?

JFC - As emissões dos Correios, hoje, estão muito voltadas para o comércio. São emissões, muitas vezes, sem critério. Antigamente, para se conseguir a emissão de um selo na programação anual dos Correios, era preciso elaborar uma justificativa muito bem fundamentada. Eu não colecionaria mais selos do Brasil.

SCF – Qual é a mensagem que o Senhor deseja deixar?

JFC – Minha mensagem é que continuemos incentivando as crianças a colecionarem. Aos amigos, desejo felicidades e que continuem o trabalho de desenvolvimento do colecionismo.

É longa a trajetória da AFSC, até seus oitenta e quatro anos, a serem completados em 6 de agosto de 2022. Os fundadores da Associação, em 1938, vislumbraram um futuro de grandes realizações na área da Filatelia. Nossa homenagem aos **PRIMEIROS CEM ASSOCIADOS Efetivos, Juvenis e Correspondentes da AFSC**. (Fonte: Boletim Santa Catarina Filatélica, números 2 e 3, de março e junho de 1950).

### **ASSOCIADOS EFETIVOS.**

- 1 – Osni Pinto da Luz, Florianópolis, SC
- 2 – Félix Schmiegelow, Florianópolis, SC
- 3 – João Carlos Ramos, Florianópolis, SC
- 4 – Tiago Vieira de Castro, Florianópolis
- 5 – João Steudel Areão, Florianópolis, SC
- 6 – Francisco Miguel da Silva, Florianópolis, SC
- 7 – Adolfo Boettcher, Florianópolis
- 8 – José Leonardo Clasen, Florianópolis, SC
- 9 – Werner Springmann, Florianópolis, SC
- 10 – João Simas, Florianópolis, SC
- 11 – João Kuehne, Florianópolis, SC
- 12 – José Maria Cardoso da Veiga, Florianópolis, SC
- 13 – Flávio Ferrari, Florianópolis, SC
- 14 – Antonio Pirajá M. da Silva, Florianópolis, SC
- 15 – Érico Czenat, Florianópolis, SC
- 16 – Hartwig Beck, Florianópolis, SC
- 17 – Gustavo Zimmer, Florianópolis, SC
- 18 – Ewaldo Quint, Florianópolis, SC
- 19 – José Tolentino de Souza, Florianópolis, SC
- 20 – Rudi Schnorr, Florianópolis, SC
- 21 – Herbert Jung, Florianópolis, SC
- 22 – Lauro Medeiros de Araújo, Florianópolis, SC
- 23 – Raul Bastos, Florianópolis, SC
- 24 – Edgard Tasso Schneider, Florianópolis, SC
- 25 – Brasiliano Souza, Florianópolis, SC
- 26 – Armando d’Acampora, Palhoça, SC
- 27 – Braz Joaquim Alves, Florianópolis, SC
- 28 – Washington Luiz do Valle Pereira, Florianópolis, SC
- 29 – Alfredo Campos, Florianópolis, SC
- 30 – Luiz Carlos Brasil, Florianópolis, SC
- 31 – Moahir Tomé de Oliveira, Florianópolis, SC
- 33 – Joel Vieira da Rosa, Florianópolis, SC
- 34 – Carlos Bonetti, Florianópolis, SC
- 36 – Dagoberto Walmor da Silva, Palhoça, SC
- 37 – Paulo Tavares, Florianópolis, SC
- 38 – Carlos Bastos Gomes, Florianópolis, SC
- 39 – Dietrich von Wangenheim, Florianópolis, SC
- 40 – Annes Gualberto, Florianópolis, SC

- 41 – Miguel Hermínio Daux, Florianópolis, SC
- 42 – Luiz Elias Daux, Florianópolis, SC
- 43 – Oswaldo Guedert, Palhoça, SC
- 44 – Osni Câmara da Silva, São José, SC
- 45 – Jorge Heinrich, Palhoça, SC
- 46 – Celso Koerich, Florianópolis, SC
- 47 – Newton Brüggemann, Florianópolis, SC
- 48 – José Murilo da Serra Costa, Florianópolis, SC
- 49 – Geraldo Salles, Florianópolis, SC
- 51 – Rui Carlos Batista, Florianópolis, SC
- 54 – Celso Ramos Filho, Florianópolis, SC
- 55 – José Ferreira da Cunha, Florianópolis, SC
- 59 – Demerval Cordeiro, Florianópolis, SC
- 61 – Mário David Moura, Florianópolis, SC
- 63 – Hilda Boos, São José, SC
- 65 – Heitor Blum, Florianópolis, SC
- 66 – Rodolfo Fernandes Neves, Florianópolis, SC
- 67 – José Baião, Florianópolis, SC
- 68 – José Claudino da Nóbrega, Florianópolis, SC
- 69 – João Acelino de Souza, Florianópolis, SC
- 70 – Álvaro Régis, Florianópolis, SC
- 72 – Alfeu Ferreira Linhares, Florianópolis, SC
- 73 – Ewaldo Mosimann, Florianópolis, SC
- 75 – Arnaldo Vecchietti, Florianópolis, SC
- 79 – Arnaldo Buch, Florianópolis, SC
- 81 – João Batista Bonassis, Florianópolis, SC
- 83 – Nilo Dias, Florianópolis, SC
- 84 – João F. Meira de Vasconcelos, Florianópolis, SC
- 85 – Garibaldi S. Thiago, Florianópolis, SC
- 86 – Emmanuel Coutinho Lopes, Florianópolis, SC
- 87 – Eduardo Passos, Florianópolis, SC
- 88 – Wilmar Orlando Dias, Florianópolis, SC
- 89 – Alexandre Mimoso Ruiz, Florianópolis, SC
- 90 – Antônio Pereira Gutierrez, Florianópolis, SC
- 91 – Álvaro Tolentino de Souza, Florianópolis, SC
- 92 – Milton Leite da Costa, Florianópolis, SC
- 93 – Salvador Veiga Picanço, Florianópolis, SC
- 99 – Luiz Reinaldo de Carvalho, Florianópolis, SC

#### **ASSOCIADOS JUVENIS**

- 35 – Horst Eimer, Florianópolis, SC
- 52 – Carlos Ronald Schmidt, Florianópolis, SC
- 80 – Amilcar Figueira Ferrari, Florianópolis, SC
- 82 – Arnaldo Severiano de Oliveira, Florianópolis, SC
- 94 – Hamilton Figueira Ferrari, Florianópolis, SC
- 96 – Rui Borges da Silva, Florianópolis, SC
- 98 – João Luiz Peixoto, Florianópolis, SC

#### **ASSOCIADO CORRESPONDENTE - EXTERIOR**

- 76 – Esteban Cetti, Buenos Aire, Argentina

#### **ASSOCIADOS CORRESPONDENTES - BRASIL**

- 32 – Benjamin C. Camozato, Porto Alegre, RS
- 50 – Luiz Magalhães Medeiros, Tubarão, SC
- 53 – Clóvis Bonassis, Tubarão, SC
- 56 – Carlos Ramos, Montenegro, RS
- 57 – Bernardo Ziebarth, Blumenau, SC
- 58 – Kurt Wieck, Chapecó, SC
- 60 – Ernani Santa Ritta, Joaçaba, SC
- 62 – Nilton Fernandes, Tubarão, SC
- 64 – Hécio de Menezes, Mafra, SC
- 71 – Clóvis Ayres Gama, Tijucas SC
- 77 – Fritz Freytag, Blumenau, SC
- 78 – Oscar Gustavo Krieger, Brusque, SC
- 95 – Artur Schroeder, Rio do Sul, SC
- 97 – Bernardo Kramer, Jaraguá do Sul, SC
- 100 – Sadi Seleme, Canoinhas, SC

# JÚLIO DA SILVA CORDEIRO

AFSC

Nascido em 19 de dezembro de 1935, o Doutor Júlio da Silva Cordeiro começou a frequentar a AFSC na metade dos anos 60, quando a entidade funcionava na rua Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, Santa Catarina.



Formado na Universidade Federal do Paraná, em 1961, atuou como cirurgião geral em grande parte de sua trajetória profissional e mais tarde passou a tratar a obesidade em adultos. Foi também médico na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina e fundador da Unimed Florianópolis.

Havia sido colecionador, na juventude. Depois de formado e atuando nesta cidade, voltou às atividades filatélicas. Interessava-se pelos selos do Brasil, clássicos e em quadras.

Dinâmico, percebeu que o espaço onde funcionava a Associação era acanhado e precário, propondo a aquisição de um imóvel próprio para a AFSC. Logo se dispôs a arrecadar o numerário, tendo a ideia de propor

a categoria de “Associados Proprietários”, a maior parte deles da área da saúde. Era uma espécie de “livro de ouro”, com pagamentos mensais por dois anos.

Como presidente da AFSC, negociou com a empresa A. Gonzaga S.A., que lançava um edifício na rua dos Ilhéus, esquina com a rua Araújo Figueiredo, junto ao Teatro Álvaro de Carvalho. O prédio, em construção, levaria o nome de Edifício Jorge Daux. Ainda na planta, foi adquirida uma ampla sala na sobreloja.

A inauguração da Sede da AFSC ocorreu em novembro de 1970, oportunidade em que se realizou uma Exposição Filatélica, no playground do edifício.

Mais de 50 anos depois, permanecemos nesse endereço, prestigiando e desenvolvendo o colecionismo. Infelizmente, em 11 de outubro de 2019, o Dr. Júlio Cordeiro nos deixou, estando seu corpo sepultado no cemitério do Itacorubi.



*Placa alusiva à inauguração da Sede da AFSC.*

*Na foto ao lado, o Dr. Júlio Cordeiro, recebendo diploma oferecido pela FEFINUSC – Federação de Filatelia e Numismática de Santa Catarina, como homenagem, durante o Encontro de Colecionadores em Florianópolis, em 2009.*

*Da esquerda para a direita, Félix Reichert, Ernani Rebello, Júlio Cordeiro e Eduardo Schmitt.*



## 400 RÉIS de 1914: moeda ou ensaio?

Juliano Natal – Florianópolis, SC (\*)

Entende-se por ensaio monetário os exemplares de um projeto de moeda cunhados com a finalidade de testar a liga e obter a avaliação de autoridades. Aprovado o ensaio, passa-se à produção das provas de cunho e, finalmente, à cunhagem para o meio monetário circulante. Os ensaios produzidos nas casas das moedas não são destinados à circulação. Cunhados em pequeno número, podem, em alguns casos, ser formados por apenas uma única peça.

Com o 400 réis de níquel, datado de 1914, há um ponto de discussão e divergência na numismática brasileira.

Foram produzidos 645.750 exemplares em metal níquel do 400 réis de 1914 e postos no meio circulante, mas em seguida recolhidos pelo Governo, devido à ausência de autorização para circulação<sup>4</sup>. Supõe-se que uma parcela das moedas não retornaram para serem fundidas e transformadas em barras de níquel. Elas continuaram a circular livremente, como forma de pagamento ou retidas por colecionadores<sup>1</sup>.

Numismatas reconhecidos mencionam que, embora tenha sido aprovado o ensaio monetário do 400 réis de 1914, por meio do Ofício de 6 de agosto de 1914, o Ministro da Fazenda da época, Rivadávia da Cunha Correa, negou a autorização da circulação dos exemplares produzidos, resultando, dessa forma, a necessidade de classificar o 400 réis de 1914 como ensaio ou prova<sup>2,3</sup>.

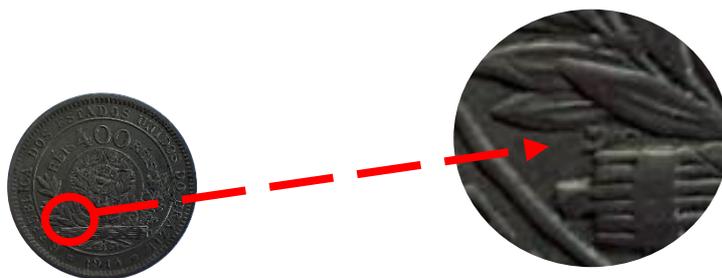
É nesse contexto que surge um impasse na numismática brasileira: a moeda de 400 réis de 1914 trata-se de um ensaio ou uma moeda para circulação no meio monetário? Deixaremos a discussão em aberto para que o leitor chegue à sua própria conclusão. A publicação do site [www.collectgram.com.br](http://www.collectgram.com.br)<sup>4</sup> traz argumentos e informações complementares que auxiliarão nos estudos e posicionamento dos interessados em obterem mais detalhes.

Deixando essa discussão de lado, na sequência são apresentadas informações técnicas e particularidades do 400 réis de 1914.

A moeda ou ensaio, com peso de 12 gramas de níquel, 30 mm de diâmetro e 2 mm de espessura, teve seu reverso elaborado pelo gravador João da Cruz Vargas, o que foi considerado como seu primeiro trabalho. Esse artista, posteriormente, desenvolveu os cunhos de 500 réis e 1.000 réis produzidos entre 1924 e 1931. No centro, constam as Armas da República, entre dois ramos: à direita, o de tabaco e à esquerda, o de café. Quase despercebido, abaixo do ramo de café, está o monograma do gravador, representado por um V estilizado, posicionado na horizontal. Os dois ramos encontram-se unidos com o laço nacional. Em cima das Armas da República, em linha curva, encontra-se o valor 400 e o padrão monetário RÉIS duplicado. Na parte externa do anel, a legenda REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL e a data 1914, entre estrelas.



*Reverso do 400 réis de níquel,  
datado de 1914.*



*No detalhe do 400 réis, monograma do gravador João da Cruz Vargas.*

Quanto ao anverso, traz a figura da Alegoria da República, portando barrete frígio (espécie de touca ou gorro, símbolo da liberdade utilizado por escravos libertos na Grécia), posicionada de perfil à direita, com as duas mãos segurando um livro fechado, onde se nota a palavra LEX (lei, em latim). Complementa o anverso um arco de vinte e uma estrelas, representando os estados brasileiros.

Não está claro se a autoria do anverso pertence ao gravador que assina o reverso. Há menções que o anverso possa ser de autoria do famoso artista e gravador Augusto Giorgio Girardet, mesmo autor do desenho da moeda de 2.000 réis, datada da última década do século XIX, considerada por muitos como uma das mais belas moedas da regime republicano.



*Anverso do 400 réis de níquel, datado de 1914.*

Para o anverso, existem duas variantes, denominadas pescoço comprido e pescoço curto, conforme destacado nas ilustrações que seguem. Na variante contendo a figura da república desenhada

com o pescoço comprido, de maior raridade, o ombro esquerdo está mais baixo, resultando numa representação do pescoço em 0,5 mm maior.



*Detalhe do anverso, à esquerda, representa a variante de pescoço comprido, enquanto o detalhe à direita representa a variante de pescoço curto.*

### Referências

1. Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial**, 7ª edição. MBA Editores, 2021.
2. Amato, Claudio Patrick e Neves, Irlei Soares. **Livro das Moedas do Brasil 1643-2021**, 16ª edição, São Paulo, 2021.
3. MOEDAS DO BRASIL. **Por um Pescoço**. Disponível em <http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/pescoco.asp>. Acesso em 15 de novembro de 2021.
4. BAPTISTA, Marco Túlio Freire. **Desvendando o Níquel de 1914**. Colectram, 2021. Disponível em <https://collectgram.com/blog/desvendando-o-niquel-de-1914>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

(\*) Juliano Natal – [juliano\\_natal@yahoo.com](mailto:juliano_natal@yahoo.com)



**WWW.FILATELICAZEPPELIN.COM.BR**

**FILATÉLICA & NUMISMÁTICA**



**WWW.LEILAOZEPPELIN.COM.BR**



**(51)32243910 (51)32245331**



**RUA GENERAL ANDRADE NEVES, 100  
SALA 1804 - CENTRO • PORTO ALEGRE-RS**



**@ZEPPELINCOLECIONAVEIS**

## *A Dubai Brasileira*

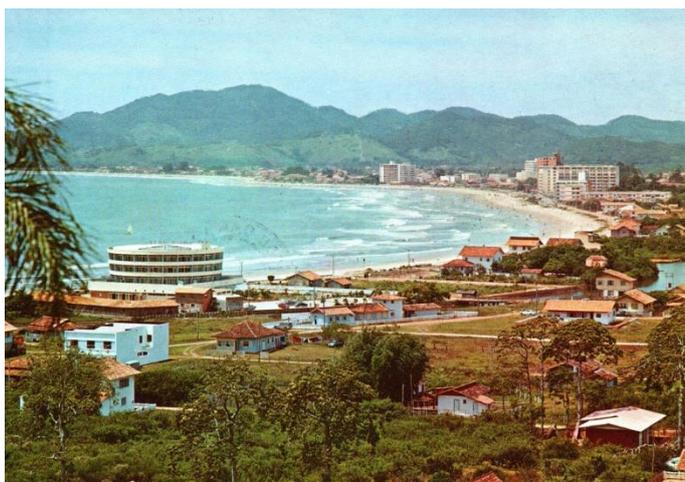
José Carlos Daltozo – Martinópolis, SP (\*)

A cartofilia (coleccionismo de cartões-postais) tem entre seus principais atributos proporcionar ao colecionador a análise do desenvolvimento urbanístico de uma cidade, ao comparar cartões-postais de diferentes épocas.

Neste artigo, o foco é a cidade de Balneário Camboriú, no litoral catarinense, cujo primeiro ocupante foi o açoriano Baltasar Pinto Corrêa, seguido, logo depois, por imigrantes luso-açorianos e algumas famílias procedentes de Porto Belo, que se estabeleceram no local no ano de 1758. Em 1836, chegou Thomaz Francisco Garcia, juntamente com seus familiares e vários escravos e, em 1848, com o nome de Bairro da Barra, o vilarejo passou a ser distrito de Itajaí. Em 1930, pela situação geográfica privilegiada, iniciou-se a fase de ocupação da área preferida pelos banhistas e, dois anos depois, foi construído o primeiro hotel, na confluência das atuais avenidas Central e Atlântica.

Um distrito de paz com a denominação de Praia de Camboriú foi criado pela Lei Municipal número dezoito, de 20 de outubro de 1954, subordinado ao Município de Camboriú.

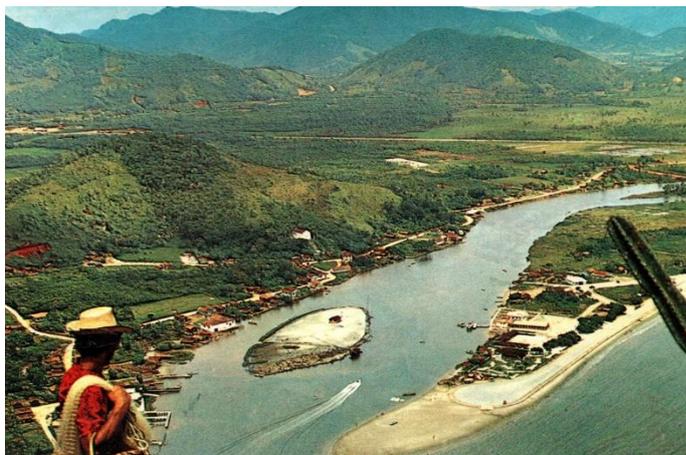
Balneário Camboriú – SC  
Foto postal sem identificação de editora,  
anos 1940.



Balneário Camboriú – SC  
Editora Mercator, anos 1960.

Pela Lei Estadual 960, de 8 de abril de 1964, o distrito foi elevado à categoria de município autônomo, instalado em 20 de julho de 1964. Um fator de grande desenvolvimento da cidade ocorreu na década de 1960, com a implantação da rodovia asfaltada BR-101.

A denominação **Balneário Camboriú** ocorreu através da Lei Estadual 5.630, de 20 de novembro de 1979. O nome Camboriú é originário da língua tupi, formado pelas palavras kamuri (robalo) e 'y (rio). Ou seja, o “rio dos peixes robalos”. Por sua vez, a palavra Balneário é do latim “balneariu”, que significa banho.



Balneário Camboriú – SC  
Editora Paraná Cart, anos 1960.

Além da praia central, há belos recantos litorâneos, alguns um pouco mais distantes, como as praias de Laranjeiras, Barra Sul, Brava, Taquaras, Estaleirinho, Pinho, entre outras. A ligação do Balneário com a praia de Laranjeiras, a mais próxima da cidade, é feita também por um teleférico.

Já a construção de edifícios, cada vez mais altos, deu à cidade o apelido de Dubai Brasileira.



Balneário Camboriú – SC  
Sem identificação de editora - 2006.

A faixa de areia era muito estreita e o avanço do mar, uma constante, o que sempre foi motivo de reclamação dos turistas. Com a maré alta sobrava pouco espaço para se ficar na praia, além da sombra dos edifícios. Em outubro de 2021, foi concluído o projeto de alargamento da faixa de areia da praia, com aumento de 45 metros. Antes, eram 25 metros e, agora, são 70 metros, com areia retirada de outros locais. Algo semelhante ao que foi feito na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, cujas obras se iniciaram em 1965 e terminaram em 1971, quando foi alargada em 80 metros e reurbanizada, com ampliação da avenida litorânea.



Balneário Camboriú – SC  
Antes e depois da praia ampliada  
foto da Internet.

Pela estimativa de censo demográfico, em 2021, a cidade de Balneário Camboriú tem hoje cerca de 149.000 habitantes, contra 108.000 no último censo oficial, realizado em 2010. No verão, suas praias chegam a ter mais de um milhão de frequentadores. Balneário Camboriú fica situada a 80 km da capital do Estado, Florianópolis.

(\*) **José Carlos Daltozo** é jornalista e historiador, com 14 livros publicados. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Venceslauense de Letras e da Associação Prudentina de Escritores. Coleciona cartões-postais há 33 anos, possuindo atualmente mais de 230.000 exemplares do mundo inteiro, entre antigos e atuais.  
E-mail [jcdaltozo@uol.com.br](mailto:jcdaltozo@uol.com.br) e whatsapp (18) 99636-5500.

Você sabia?...

O Dia do Filatelista é comemorado no dia 5 de março, pois foi nesta data que, em 1829, foi assinado por D. Pedro I o decreto que organizou os Correios no Brasil.

# ANITA GARIBALDI A HEROINA DE DOIS MUNDOS

Renato Mauro Schramm – Florianópolis, SC (\*)

Ana Maria de Jesus Ribeiro – ANITA GARIBALDI – nasceu em Morrinhos, Laguna, Santa Catarina, em 30 de agosto de 1821.

Filha de Francisco Bento Ribeiro e Maria Antonia de Jesus, Anita ficou órfã de pai muito jovem, razão pela qual sua mãe vivia insistindo para que ela se casasse após ter completado 14 anos. Logo, arranjou um pretendente de nome Manoel Duarte de Aguiar, na época sapateiro e monarquista. Enquanto seu marido trabalhava, Anita ficava trancafiada em casa, cuidando dos afazeres do lar, vendo o tempo passar, sem nenhuma perspectiva de vida. O casamento durou pouco mais de três anos. Nesse ínterim, o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi estava no Rio Grande do Sul e colocou-se à disposição de Bento Gonçalves, que era o Comandante da Revolução Farroupilha, cujo pensamento era a instauração da República no Brasil, pois as ideias eram coincidentes. Muitas lutas no Rio Grande do Sul culminaram com o desembarque no porto de Laguna, com Giuseppe Garibaldi no comando do barco “Rio Pardo”. Numa dessas ocasiões, Giuseppe Garibaldi avistou pela primeira vez Anita. O sentimento foi tão forte que foi ao seu encontro. Em outubro de 1839, com apenas 18 anos, Anita embarcou na nau capitânia “Rio Pardo”, para traçar o seu derradeiro destino e fazer a sua história, deixando para trás o marasmo de seu casamento e partindo em definitivo com o amor de sua vida. Ao término da Revolução Farroupilha, Giuseppe Garibaldi parte com Anita e seu primeiro filho para o Uruguai.

Dessa união, nasceram quatro filhos, Menotti (brasileiro), Ricciotti, Rosita e Teresita (uruguayos). No decorrer dos combates nos pampas de Santo Antônio, Anita perdeu sua filha Rosita.

Passados os anos, em 1848, Anita Garibaldi desembarca no porto de Genova, Itália, sendo ovacionada pelos compatriotas de Garibaldi. Um ano mais tarde, em quatro de agosto de 1849, um sábado, por volta das 19:45 horas, nos braços de seu amado, em Mandriole, Anita Garibaldi veio a falecer, levando em seu ventre o seu quinto filho.

Por ocasião do Bicentenário de seu nascimento, em 30 de agosto de 2021, os Correios emitiram um selo postal comemorativo, em conjunto com os Correios do Uruguai. Foram feitos três carimbos comemorativos nas cidades de Brasília DF, Florianópolis e Laguna, em Santa Catarina. O Clube Filatélico Maçônico do Brasil mandou confeccionar envelopes de Primeiro Dia de Circulação para essa importante ocasião.



*Envelope de Primeiro Dia de Circulação  
Criação do Clube Filatélico Maçônico do Brasil*



*Máximo postal – Homenagem a Anita Garibaldi*

(\*) Renato Mauro Schramm, PM .°. 33º  
 Presidente do Clube Filatélico Maçônico do Brasil  
 E-mail: clubefilmaconico@hotmail.com



# O GUETO DE LITZMANNSTADT (Łódź)

Rogério A. Dedivitis – Santos, SP (\*)

O **Gueto de Łódź**, também conhecido como **Gueto de Litzmannstadt**, foi o segundo maior gueto estabelecido para judeus e ciganos na Polônia sob ocupação nazista, somente menor que o Gueto de Varsóvia. Situava-se na cidade de Łódź, ocupada em setembro de 1939 pelos alemães. A cidade tinha em torno de 670.000 habitantes, dos quais cerca de 230.000 eram judeus.

O nome de Łódź foi mudado para Litzmannstadt, por ordem do Führer, em 11 de abril de 1940, como um tributo ao general Karl Litzmann, considerado como responsável pela vitória alemã sobre os russos, naquela região, durante a Primeira Guerra Mundial.

As figuras 1 e 2 mostram dois bilhetes postais enviados para a cidade, apresentando os dois nomes diferentes.



Figuras 1 e 2 - Dois bilhetes postais americanos, enviados para o mesmo endereço.

O primeiro para Łódź, com carimbo de Nova Iorque, datado de 8 de maio de 1940 e o segundo para o então renomeado Litzmannstadt, também com carimbo de Nova Iorque, datado de 20 de setembro de 1941.

É interessante observar que nem todos os correios aplicaram o novo nome. Assim, os itens postais com o nome Lodz foram cancelados com o carimbo “Auf Befehl des Fuhrers” – figura 3.



Figura 3 - Carimbo com os dizeres Auf Befehl des Fuhrers (“ao comando do Fuhrer”)

Em 30 de abril de 1940, os “portões” do gueto foram fechados, então abrigando pouco mais de 160.000 judeus. Ele foi planejado, originalmente, como ponto de reunião de judeus. Entretanto, acabou se transformando em expressivo centro industrial, fornecendo suprimentos essenciais para o esforço de guerra dos Nazistas, principalmente para a *Wehrmacht*. Nos primeiros dois anos, absorveu quase vinte mil judeus dos guetos liquidados nas cidades e aldeias vizinhas e ainda vinte mil a mais do restante da Alemanha. O gueto manteve-se até agosto de 1944 devido à sua notável produtividade. Após a onda de deportações para o campo de extermínio de Chełmno, no início de 1942, os nazistas transportaram a população restante para campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau e Chełmno, onde a maioria foi

assassinada logo ao chegar. Duzentos mil judeus foram transportados para campos de extermínio da Estação Radegast, com a grande maioria acabando em câmaras de gás – figura 4.

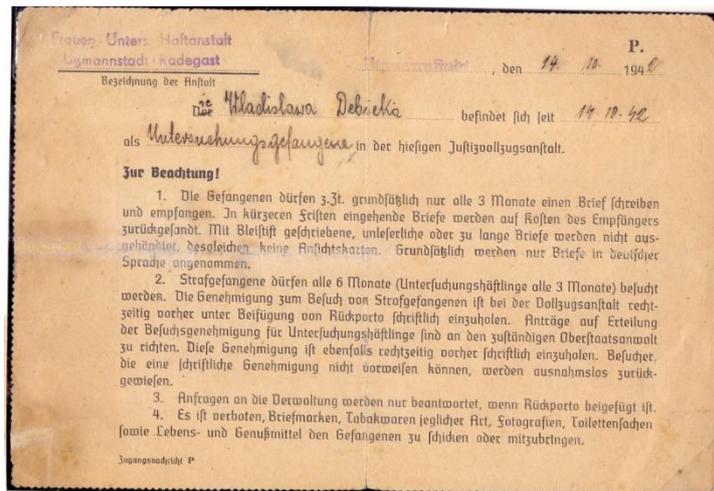


Figura 4 - Cartão oficial pré-impresso enviado da prisão feminina de trânsito KZ CAMP na Estação Radegast (Radogoszcz); marca Litzmannstadt na frente. Muito raro, pois foi enviado da prisão feminina de um campo onde a maioria dos internos eram homens. Foi enviado como uma aprovação oficial confirmando que a Sra. Wladislawa Dehicka estava na prisão.

O último embarque de judeus para os campos de extermínio ocorreu em 29 de agosto de 1944. Assim, Litzmannstadt foi o último gueto na Polônia a ser liquidado.

Em 19 de janeiro de 1945, quando os soviéticos chegaram a Łódź, encontraram apenas 877 pessoas, que permaneciam escondidas na cidade. Além desses, cerca de 10 mil moradores judeus de Łódź, que moravam lá antes da invasão da Polônia, sobreviveram ao Holocausto em outros lugares.

Figura 5 - Selo de 1967, do correio polonês (Yt-PL 1611) "Comemorativo à luta e martírio do povo polonês na Segunda Grande Guerra". (de uma série de 9 selos poloneses emitidos entre os anos de 1965 e 1967, com este título).



#### Referências:

Invasão soviética na Polônia –

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Invas%C3%A3o\\_sovi%C3%A9tica\\_da\\_Pol%C3%B3nia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Invas%C3%A3o_sovi%C3%A9tica_da_Pol%C3%B3nia)

Thaily Viviane André, Tese de Mestrado USP – As Crianças no Gueto de Łódź

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-17092019-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-17092019-160757/publico/2018_ThailyVivianeAndre_VOrig.pdf)

[160757/publico/2018\\_ThailyVivianeAndre\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-17092019-160757/publico/2018_ThailyVivianeAndre_VOrig.pdf)

Colnect – [https://colnect.com/br/stamps/list/country/172-Pol%C3%B4nia/theme/1309-Campos\\_de\\_concentra%C3%A7%C3%A3o/year/1967](https://colnect.com/br/stamps/list/country/172-Pol%C3%B4nia/theme/1309-Campos_de_concentra%C3%A7%C3%A3o/year/1967)

(\*) Rogério A. Dedivitis – [dedivitis.hns@uol.com.br](mailto:dedivitis.hns@uol.com.br)

# CORREIOS EM PALHOÇA

Luis Claudio Fritzen – Florianópolis, SC

No ano de 1651, Dias Velhos chegou à Ilha de Santa Catarina, chamando-a de Desterro. Em 1771, portugueses de São Vicente (São Paulo) fundaram Lages. Nesse período houve a necessidade de uma ligação entre as duas localidades, o que levou à abertura de uma estrada ligando Desterro a Lages.

Poucos anos depois, em 1777, a Ilha de Santa Catarina foi invadida por Espanhóis. Em decorrência da invasão, o governo decidiu construir duas povoações defronte à capital, no continente. O objetivo principal dessas povoações era dar guarida aos desterrenses, além de servir de escudo militar à Ilha no caso de novas invasões. O governo decidiu, ainda, povoar o sertão às margens do caminho que ligava a Ilha a Lages.

A necessidade de criar um refúgio no continente, caso houvesse novos ataques à Ilha de Santa Catarina, fez com que, em 31 de julho de 1793, o Governador Cel. João Alberto de Miranda Ribeiro enviasse o Ofício n. 07 ao Conde Rezende, Vice-Rei do Brasil. Naquela missiva, o governador incumbiu a Caetano Silveira de Matos a construção de palhoças, para guardar farinha, na estrada que ia para Lages.

*“Illmo. Exmo. Sr. — Não havendo nesta Ilha muitos sujeitos, ou falando com toda ingenuidade, não havendo nenhum que exceda a Caetano Silveira de Mattos, no meu conceito para os importantes fins a que o destino e de que já principiei a servir-me, julgo ser indispensável da minha obrigação pôr na respeitável presença de V. Exa. o seu merecimento.*

*Este omem é activo e Zeloso para o serviço, é muito trabalhador e bastantemente remediado, porque possui uns poucos de mil crusados: tem principiado um famoso estabelecimento no sertão digo no interior do sertão da Terra Firme, na estrada que vai para a villa de Lages, onde conserva bastante escravatura, e grandes derrubadas, para principiar as suas plantações.*

*Agora mesmo se acha actualmente empregado na factura de um armazém ou Palhoça, que mandei construir nos mattos da Terra Firme, para fazer um depósito de farinha, com que possa subsistir naquella lagar, caso me seja na precisão de me retirar a ele, depois de fazer na Ilha toda a opposição que me for pociavel aos inimigos. Para aceitar desta comição não foi necessario mais, do que perceber a minha vontade, e seguro a V. Exa. que o acho com desposição de remover quaesquer dificuldade, empregando para as vencer, a sua pessoa, ou seus escravos e tudo quanto tem; queira V. Exa. ter a bondade de ponderar agora por um pouco, e tenho bastantes motivos para me persuadir, que será muito da grandeza de V. Exa. premeiar um vassalo de tão excellentes qualidade. Já tenho noticias que o meu antecessor tinha proposto á V. Exa. este homem para Capitão do forte de São Francisco Xavier da praia de fora desta villa, com a condição de que á sua custa reedificaria o dito forte, que se acha bastantemente arruinado.*

*Esta mesma graça é a que supplico novamente a V. Exa. pelos motivos que deixo referidos, maz quando aja nisto alguma contradição ao gosto de V. Exa. que prevalecer a tudo, ocorre-me que V. Exa. o pode atender ainda, fazendo-o capitão da companhia da infantaria auxiliar da freguezia de S. José, que se acha vago porque João Marcos Vieira que o era, consta que pasara para a corte de Lisbôa onde se casou e estabeleceu. Desta fôrma extremo senhor pode V. Exa. animar um homem, que virá a ser muito útil, ao real serviço, e que desde já o é principalmente nas circumstancias actuaes em que me acho; porque tendo aberto o caminho do sertão debaixo do melhor e mais judicioso Plano de defesa que se pode adotar a respeito desta Ilha, avendo uma absoluta precisão de promover a sua cultura e sendo esse homem o de maiores forças, que o pode intentar e que já o principiou ou fazendo, é muito digno de que V. Exa. o attenda;*



Localização de Palhoça em Santa Catarina.

*e eu só terei o merecimento de fazer com que V. Exa. o reconheça, para o premiar, deixando este premio de me constituir na maior obrigação a V. Exa.*

*Deus guarde a V. Exa. Venerador de N. Sa. do Desterro da Ilha de S. Catharina, ao 31 de Julho de 1793.*

*Com a assignatura do Sr. Governador, João Alberto de Miranda Ribeiro. Illmo. Exmo. Sr. Conde de Rezende, Vice-Rei e Capitão-General de Mar e Terra do Estado do Brasil”.*

Observe-se que a real intenção do ofício era solicitar uma patente militar para Caetano Silveira de Mattos, que, conforme mapas da época, possuía uma fazenda a oeste do local onde foi construído um entreposto comercial. No entanto, pelo que se conhece, é esse o primeiro documento que se refere à Palhoça.

A data dessa correspondência é considerada como a data da fundação do povoado.

No início, as tropas de gado que abasteciam a Ilha desciam a estrada de Lages até o Morro do Tomé e de lá até a desembocadura do rio Maruim, de onde parte do gado ia para freguesia de São José e parte atravessava o canal até a localidade de Ribeirão da Ilha. As tropas margeavam a praia, pois tinham grandes dificuldades para atravessar o trecho de mangue e pântano, hoje parte da rua principal de Palhoça. Além disso, não queriam pagar o pedágio estabelecido por São José, no caminho que passava pela localidade de Passa Vinte.

Com o aumento da demanda de alimentos provenientes do continente e a movimentação das tropas, foi construída uma estrada atravessando o pântano. O povoado se desenvolveu e a população deslocou-se mais para o sul, estabelecendo-se então o centro definitivo de Palhoça.

Palhoça pertencia a Florianópolis até 1833, quando, então, passou a pertencer a São José.



*Cartão-postal. Palhoça. Editor desconhecido.*

A primeira igreja de Palhoça foi construída em 1868. Mais tarde, passou a chamar-se Nossa Senhora do Parto. No mesmo ano, iniciou-se a construção da Igreja Matriz, com vistas à criação da freguesia. A Matriz foi concluída em 1883, porém sem as torres laterais. Embora estivesse construída, não foi logo provida de Vigário. A paróquia foi simplesmente criada novamente, em 03 de maio de 1901, pela Cúria Diocesana de Florianópolis.

No ano de 1873, Palhoça foi elevada à condição de Distrito Policial.

Desde sua fundação até esse período, Palhoça continuou como arraial, sendo esquecida política e administrativamente, apesar do aumento de sua população e do desenvolvimento da economia. Os primeiros colonizadores a chegarem à Palhoça foram os portugueses, que se estabeleceram na Enseada do Brito e de lá se espalharam pelas redondezas. Mais tarde, vieram os açorianos e madeirenses, chegando as primeiras famílias à Ilha de Santa Catarina, em fevereiro de 1747.

O povoamento açoriano-madeirense tem sua origem no edital que D. João V mandou publicar, em 1747. O objetivo de D. João V em enviar casais açorianos e madeirenses, era o de povoar as terras brasileiras e resolver o problema de excesso de população nos arquipélagos dos Açores e Madeira.

Por volta de 1824, iniciou-se a imigração alemã para o Brasil, em Santa Izabel, que mais tarde viria a pertencer ao município de Palhoça.

Em 25 de junho de 1881, foi criada a agência postal, pelo administrador dos Correios Alexandre Francisco da Costa. O presidente da Província, João Rodrigues Chaves, por Ato de 27 de julho daquele ano, nomeou para agente postal José Pedro Duarte Silva.

Foi então Palhoça elevada à condição de freguesia, pela Lei n. 949, de 8 de novembro de 1881, e à condição de Vila, pelo Decreto n. 184, de 24 de abril de 1894.



Carimbo de 7 de maio de 1902, circular simples, com florão na parte inferior.

Em 5 de janeiro de 1903, foi inaugurada a estação telegráfica, em um prédio situado à Praça (hoje Sete de Setembro), cuja instalação obedecia às ordens do engenheiro chefe do Distrito Telegráfico, José Joaquim de Sá Freire, pelo aviso n. 20. Foi seu primeiro encarregado o telegrafista de terceira classe, Artur Tupinambá de Campos.



Inteiro Postal, circulado em 27 de dezembro de 1907, para Berlim, Alemanha, com carimbo circular.  
Legenda: PALHOÇA (S. CATHa.)



Carimbo de 3 de março de 1909, circular.  
Legenda: PALHOÇA (S. CATHa.)



Carimbo de 9 de janeiro de ?  
Legenda: PALHOÇA - STA. CATHARINA

# OS PNEUS NAS CORRIDAS DE FÓRMULA 1

Paulo Duek – Etz Efrain, ISRAEL (\*)

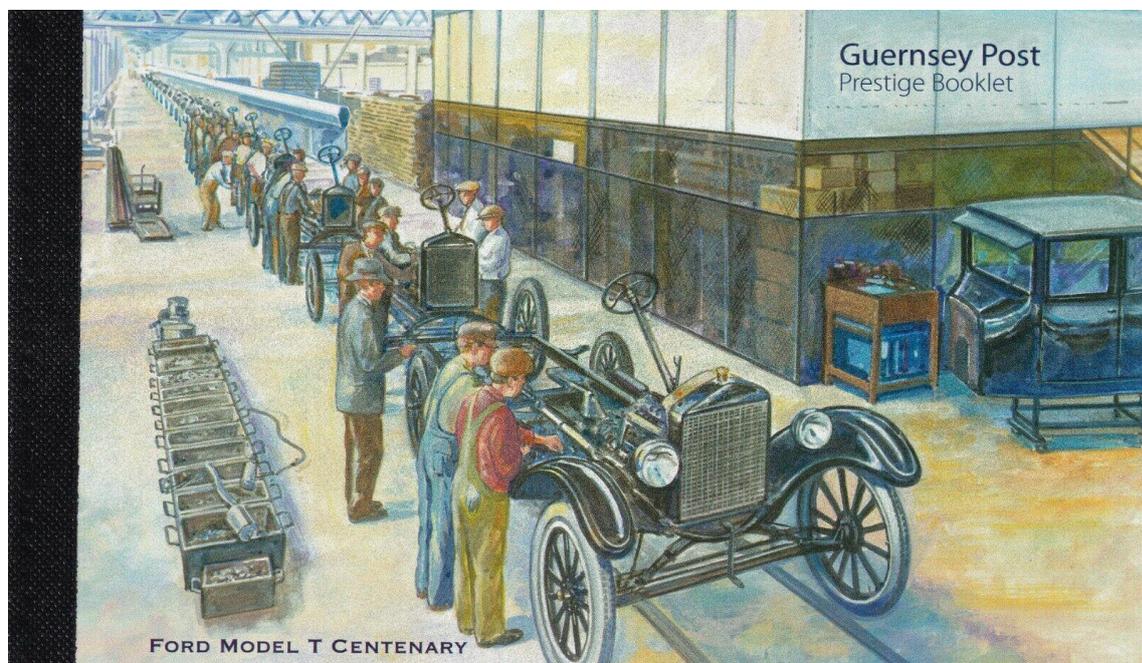
As competições de automobilismo, em geral, e as de Fórmula 1, em particular, são indústrias ricas. Pesquisas aprofundadas e grandes somas são investidas no aperfeiçoamento de todos os componentes dos veículos que participam das corridas. Neste artigo, apresentarei o desenvolvimento de um dos componentes mais básicos dos carros de corrida - os pneus.



John Dunlop, Inventor do pneu pneumático

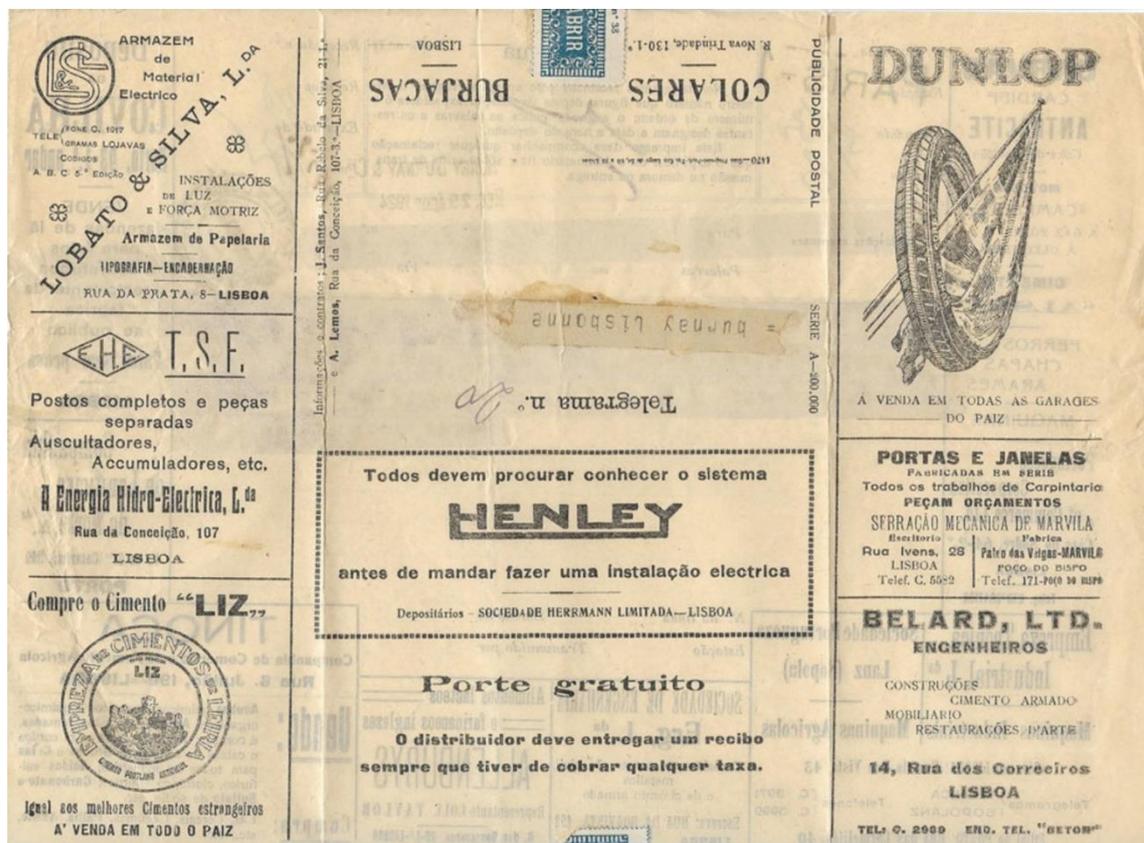
Primeiramente, alguns antecedentes históricos. Até meados do século XIX, todos os veículos (carruagens, carroças, bicicletas, etc.) tinham rodas duras, feitas de madeira ou metal, recobertas por “fitas” de couro, madeira ou borracha maciça. O primeiro uso de um pneu pneumático (ou seja, um pneu cheio de ar) foi feito em 1888 por um veterinário escocês chamado John Boyd Dunlop. O filho de dez anos de Dunlop costumava andar de triciclo nas ruas de Belfast e sofria de terríveis dores de cabeça. Dunlop instalou pneus de borracha infláveis nas rodas do triciclo e percebeu que a cabeça de seu filho parou de doer, enquanto o desempenho do triciclo melhorava. Dunlop, mais tarde, fez os mesmos testes em pneus de bicicleta e ficou satisfeito com os resultados. Em 1889, o ciclista irlandês Willie Day fez uso desse tipo de

pneu de borracha em várias corridas e conquistou uma impressionante série de vitórias. O uso de pneus pneumáticos em automóveis de passeio começou em 1895, pelos irmãos franceses Michelin. A americana Goodyear Company, fundada em 1898, começou a fornecer pneus para carros Ford Modelo T em 1908 e logo se tornou a maior fabricante de pneus do mundo e, mais tarde, a maior fabricante de borracha.



*O Modelo T da Ford tornou a Goodyear a maior fabricante de pneus do mundo.  
Capa de uma caderneta de luxo de Guernsey*

O pneu conquistou rapidamente o mundo automotivo, e isso porque ele desempenha com sucesso uma série de papéis vitais. Primeiro, o pneu é usado como amortecedor por ser pneumático. Quando a roda encontra a barreira de ar dentro do pneu, ele é comprimido e a carroceria do veículo sente uma oscilação muito mais leve. Dessa forma, o aro do veículo também fica protegido e não se desgasta. Além disso, o pneu permite transferir a potência do motor do veículo para o tráfego de forma eficiente e fornece ao veículo uma boa aderência à estrada. Graças a essas vantagens, os veículos, em geral, podem se mover em velocidades mais altas, especialmente em estradas sinuosas.



Os pneus de carros de passeio são muito mais estreitos do que os pneus de carros de corrida. O verso de um formulário de telegrama de 1924 de Portugal com um anúncio da empresa Dunlop. O pneu muito estreito visto aqui era típico dos veículos da época.



Nas corridas de Fórmula 1 se faz uso de pneus largos em especial.

Entremos agora no mundo das corridas de carros de Fórmula 1. Os pneus neste mundo são completamente diferentes daqueles dos veículos que conhecemos no dia a dia. Em primeiro lugar, são pneus muito mais largos, que proporcionam melhor aderência à estrada e, portanto, também maior velocidade de condução. Por outro lado, devido à largura do pneu, o consumo de combustível do veículo é maior.

Um dos parâmetros importantes que caracterizam um pneu é o seu "corte", ou seja, a altura da camada de borracha. Os pneus nas corridas de carros têm um "corte baixo", para que tenham melhor aderência à estrada, mesmo ao fazer curvas em alta velocidade. O corte mais baixo também permite o uso de freios a disco maiores e mais eficientes. Em consequência desses benefícios, o conforto de condução é reduzido, pois há menos ar para amortecer os choques.



Pneus com corte baixo.



Pneus "Slick"

Um pneu "regular" é projetado para durar e ser usado por 80.000 quilômetros. Os pneus das corridas de Fórmula 1 são feitos de borracha mais macia, o que proporciona maior aderência, mas causa desgaste rápido. Como resultado, o uso desses pneus é limitado a uma distância de 300 a 400 quilômetros, menos que a duração de uma corrida.

Nas corridas de Fórmula 1, os pilotos adaptam os pneus que usam às condições da estrada e do clima. Quando a corrida acontece em pista seca, os pilotos preferem escolher um pneu com a superfície de contato com a estrada

totalmente lisa. Tal pneu é chamado, na linguagem profissional, "Slick", e fornece o maior contato possível com a estrada. Por outro lado, quando a estrada está molhada, os pilotos usam pneus de solado com sulcos, que são precisamente adaptados às condições da pista. Em corridas com condições variadas (por exemplo, se começar a chover) o piloto pode trocar o tipo de pneus várias vezes durante a corrida. Veículos comuns não precisam de troca de pneus tão frequentemente, pois usam pneus que têm um compromisso entre as "capacidades de aderência" nas várias situações.

A partir de 1971, a Fórmula 1 usou pneus do tipo Slick. Em 1998, o uso de pneus ranhurados foi introduzido e os regulamentos exigiam três ranhuras nas rodas dianteiras e quatro nas traseiras. A intenção era desacelerar os carros por questões de segurança, depois que vários pilotos, incluindo Ayrton Senna, perderam a vida na pista. Ao longo dos anos, as regras mudaram em relação ao número de slots e sua profundidade.

**Curiosidade:**

A palavra "pneu" é derivada da palavra "pneumático", que significa "relativo ao ar" (origem greco-latina) - Dicionário Aurélio.

O uso da palavra "pneu" está tão difundido hoje, para indicar o revestimento das rodas de veículos, que pode parecer estranha a expressão "pneu pneumático". Para veículos diferentes, existem até hoje os pneus de borracha maciça, principalmente para máquinas industriais.



Uso de pneus em chuva. Inteiro postal da China.

Durante uma corrida de Fórmula 1, os carros entram na "área de Pit Stop" para substituição de pneus. No passado, o pit stop também incluía o reabastecimento do veículo, mas isso foi proibido em 2010. O momento de entrada na área de pit stop era determinado pelo piloto de acordo com sua condição na corrida e o grau de necessidade de troca de pneus, e isso é uma das decisões estratégicas mais importantes da corrida. A troca de pneus é feita numa velocidade incrível: uma equipe inteira invade o carro, como uma nuvem de gafanhotos, e executa o que é necessário, com uma coordenação incrível. O pit stop em si dura em média entre 2 e 3 segundos, sendo o recorde mundial da equipe Red Bull, que na prova no Brasil, em 2019, fez a troca em apenas 1,82 segundos.

Mencionei, em minhas observações iniciais, que os pneus usados nas corridas de Fórmula 1 sofreram muitas mudanças ao longo dos anos, mudanças que são resultado de pesquisa e desenvolvimento dos melhores fabricantes. Como uma boa imagem vale mais que mil palavras, apresento abaixo uma folha de San Marino, mostrando os carros de corrida da Ferrari ao longo dos cinquenta anos de 1947 a 1996. Observe o quanto os pneus expandiram nesses anos e quão pequenos são seus sulcos.





Claro que as mudanças e refinamentos nos pneus não se limitaram à sua geometria. A edição da República Centro-Africana (figura à esquerda) mostra o pneu 5R, fabricado pela Dunlop, que foi o primeiro a usar fibras de nylon. Graças a esta inclusão, houve uma diminuição de mais de 5 quilos no peso dos pneus. Mais tarde, a Dunlop também passou a usar borracha sintética, que é mais resistente a altas temperaturas.

Um episódio interessante é um experimento realizado pelo grupo Tyrell, em meados da década de 1970, em um veículo de seis rodas (e, claro, seis pneus). O experimento não se provou eficiente e a ideia foi abandonada alguns anos depois, mas é uma prova da

imaginação e do pensamento criativo dos técnicos envolvidos com a busca do desempenho ideal.

As corridas de Fórmula 1 começaram na década de 1950 e, nas décadas de 1950 e 1960, os fabricantes mais proeminentes de pneus para carros de corrida foram Dunlop, Goodyear, Michelin, Firestone e Continental. Desde 2011, a empresa italiana Pirelli é a única fabricante nesse campo.

Hoje, são usados cinco tipos de pneus, fáceis de identificar pelo código de cores em que estão marcados. Os pneus marcados em preto, amarelo ou vermelho são do tipo "Slick" e possuem graus de dureza alto, médio ou macio, respectivamente. Esses pneus são usados, como mencionado, quando a pista está seca. Quanto maior o grau de dureza do pneu, mais resistente ao desgaste ele é, mas mais fraca é a aderência à estrada.



"Meter" da empresa de pneus Firestone.



A Pirelli é hoje a única fabricante de pneus de Fórmula 1. Perfim italiano de 1901, com as iniciais da empresa P&C.

Os pneus marcados em verde são projetados para condições de pista molhada ou chuva leve. Através das ranhuras, esses pneus expulsam 30 litros de água por segundo, a uma velocidade de 300 quilômetros por hora. Um código de cor azul indica pneus adequados para condução em condições de chuva forte, com capacidade de evacuação de água três vezes maior que a do pneu verde. Estes pneus têm um diâmetro 10 milímetros maior do que os pneus do tipo "Slick".

(\*) Paulo Duek – paulo.duek@gmail.com



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT

Superintendência Estadual de Santa Catarina

**Seção de Filatelia**

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva – [gabrielgd@correios.com.br](mailto:gabrielgd@correios.com.br)

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,  
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 – bloco B – 6º Andar

Bairro: Nossa Senhora do Rosário – São José/SC

CEP 88110-905 – Telefone: (48) 3954-4032

**Selos Comemorativos e Especiais**

**Selos personalizados - Coleções Anuais**

Em Florianópolis: Agência Central de Florianópolis

Praça XV de Novembro, 242

CEP 88010-970 – Telefone (48) 3251-8711

[scacfns@correios.com.br](mailto:scacfns@correios.com.br)

Em Blumenau: Agência Victor Konder – Rua São Paulo, 1.277

CEP 89012-971 – Telefone (47) 3144-2372

[scafbnu@correios.com.br](mailto:scafbnu@correios.com.br)

Em Joinville: Agência Joinville – Rua Princesa Isabel, 394

CEP 89201-970 – Telefone (47) 3419-6929

[scacjve@correios.com.br](mailto:scacjve@correios.com.br)



**POSTMIX**  
Gráfica Offset & Digital



Conheça nosso novo site de leilões  
[www.brasiliafilatelia.com.br](http://www.brasiliafilatelia.com.br)



Filatélica Penny Black  
Portal do selo

**Incluimos o acervo do Marcelo Studart**

**Roberto Silveira**

**(61) 92000-8401**  

Verificamos sua lista de Brasil, outros países e/ou temas  
Orçamento sem compromisso

**portaldoselo@gmail.com**

Grande estoque de selos brasileiros e estrangeiros  
Toda linha de materiais filatélicos e numismáticos  
Compramos coleções de selos

**Representamos as principais marcas mundiais:  
Leuchtturm, Lindner, Michel, Safe e Yvert. Consulte!**

OFERTAS EM NOSSOS SITE  
[www.portaldoselo.com.br](http://www.portaldoselo.com.br)



**FILACAP**

Assine revista brasileira de filatelia!